UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO CURSO DE JORNALISMO

ALICE DE CARVALHO LEAL

MEMORIAL DO LIVRO-REPORTAGEM "HISTÓRIAS DO VOVÔ"

RIBEIRÃO PRETO DEZEMBRO/2018

ALICE DE CARVALHO LEAL

MEMORIAL DO LIVRO-REPORTAGEM "HISTÓRIAS DO VOVÔ"

Memorial de Produto Midiático apresentado à Universidade de Ribeirão Preto — UNAERP, como requisito final do Trabalho de Conclusão de Curso para a obtenção do título de Jornalista.

Orientador: Prof. Me. Rafael Martins dos Reis.

RIBEIRÃO PRETO DEZEMBRO/2018

Ficha catalográfica preparada pelo Centro de Processamento Técnico da Biblioteca Central da UNAERP

- Universidade de Ribeirão Preto -

Leal, Alice de Carvalho, 1998 -

L435m Memorial do livro-reportagem "histórias do vovô" / Alice de Carvalho Leal. – Ribeirão Preto, 2018.

78 f.: il. color.

Orientador: Prof. Me. Rafael Martins dos Reis.

Monografía (graduação) - Universidade de Ribeirão Preto, UNAERP, Jornalismo e eventos. Ribeirão Preto, 2018.

1. Jornalismo. 2. Idosos. 3. Asilos. 4. Livro-reportagem I. Título.

CDD: 070

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor: LEAL, Alice de Carvalho						
Título do trabalho: Memorial do Livro-	-reportagem	"Hist	órias do	Vovô"		
O presente trabalho foi examinado, seguintes membros:	nesta data,	pela	Banca	Examinadora	composta	dos
Prof. Me. Rafael Martins dos Reis			_			
Examinador 1			_			
Examinador 2			_			
NOTA:	Ribeirão	Preto	/	/2018.		

AGRADECIMENTOS

A Deus, por todas as permissões;

Aos meus pais, Joseane de Carvalho e Luiz Antonio Pinto Machado Leal, que desde o início batalharam por minha educação e colaboraram para que fosse possível chegar até aqui com muito amor e respeito;

Às minhas irmãs, Elisa e Leticia de Carvalho Leal, que sempre estiveram ao meu lado oferecendo carinho e suporte emocional;

Ao meu namorado, Wanderson Bernardo Silva, que se fez presente para auxiliar no que fosse preciso e trazer tranquilidade nos dias difíceis;

Aos meus amigos e colegas de trabalho, que acompanharam todo o processo e sempre estenderam a mão para ajudar no projeto;

Aos docentes desta instituição, que contribuíram para minha formação pessoal e profissional, em especial ao meu orientador, Rafael Reis, e aos docentes João Flávio de Almeida e Flávia Martelli, pela paciência, auxílio e incentivo desempenhados;

À Casa do Vovô e aos colaboradores, em especial à Regina Nolura e Ana Paula de Oliveira, pela atenção e receptividade;

Aos entrevistados, que aceitaram dividir momentos importantes e memoráveis; E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte dessa trajetória, o meu muito obrigada.

RESUMO

Nas últimas décadas, o grupo populacional que mais cresceu no Brasil foi o "muito idoso", de 80 anos ou mais, segundo relatório do Instituto Nacional de Pesquisa Econômica Aplicada -IPEA (2011). Isso, no entanto, não significa que os idosos têm conquistado espaço na sociedade atual. A parcela de familiares que cuidam desses indivíduos reduziu consideravelmente, deixando-os muitas vezes esquecidos em asilos. O estudo do IPEA também aponta que cerca de 83 mil idosos vivem em instituições de longa permanência públicas e privadas no Brasil. Por isso, o objetivo do livro-reportagem, produto midiático de caráter científico na área da pesquisa em jornalismo, foi dar voz a esses idosos, colaborando para a eternização das histórias e experiências vividas. O produto midiático expôs, por meio de capítulos individuais, lembranças e aprendizados de idosos internados em uma instituição de longa permanência em Ribeirão Preto, a Casa do Vovô, mostrando que a vida e seus desdobramentos não foram deixados para trás. Durante a primeira fase da pesquisa, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre conceitos de envelhecimento demográfico no Brasil, o desenvolvimento do livro-reportagem e a história do abrigo escolhido como cenário principal. Já na abordagem jornalística, as histórias foram obtidas a partir de entrevistas em profundidade realizadas durante o dia a dia habitual dos moradores da instituição, sem questionários ou perguntas elaboradas, mas sim um contato próximo e pessoal que permitiu ao entrevistado sentir-se suficientemente confortável a compartilhar fatos e experiências. Assim, o produto midiático comprovou a exclusão social do grupo delimitado, que tem crescido consideravelmente. Além disso, também promoveu a reflexão crítica acerca do abandono dos indivíduos, muitas vezes esquecidos. Ao retirar essas pessoas do anonimato, o livro-reportagem recuperou o laço existente entre a sociedade e os internados.

Palavras-chave: Jornalismo; livro-reportagem; idosos; asilos.

ABSTRACT

Over the last decades, the population group that most aged in Brazil was the "very elderly", about 80 years or over, according to a report by the National Institute of Applied Economic Research – IPEA (2011). However, it doesn't mean that the elders have gained ground in society. The portion of family that takes care of these persons has considerably reduced, leaving them often forgotten in nursing homes. The IPEA's study also appoints that about 83 thousand elders live in public and private Retirement Institutions for the Aged in Brazil. For this reason, the purpose of the reporting-book, media product of a scientific nature in the area of journalism research, was to give to the elders the power of speaking, contributing to the eternalization of their stories and experiences. The media product exposed, through individual chapters, memories and lessons of retirement elders in Institution for the Aged in Ribeirão Preto, the Casa do Vovô, showing that life and its unfoldings were not left behind. During the first stage of the research, a bibliographical survey was realized concerning the concepts of demographic aging in Brazil, the development of the reporting-book and the history of the shelter chosen as the main scenario. At a journalist approach, the stories were obtained from in-depth interviews realized during the daily routine of the institution's residents, without questionnaires or elaborated questions, but rather a close and personal contact that allows the interviewee to feel comfortable enough to share facts and experiences. Thus, the media product has proven the social exclusion of a delimited group that has grown considerably. Besides that, it also promoted the critic reflection on the matter of individuals abandonment, many times forgotten. Removing these people from anonymity, the reporting-book recovered the bonds between them and society.

Keywords: Journalism; reporting-book; elderly; nursing homes.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 – A HISTÓRIA DO LIVRO-REPORTAGEM	12
CAPÍTULO 2 – O ESPAÇO QUE A TERCEIRA IDADE OCUPA NA SOC	IEDADE .16
CAPÍTULO 3 – LIVRO-REPORTAGEM: HISTÓRIAS DO VOVÔ	18
3.1 – HISTÓRIA E CONCEITO	18
3.2 – RELATO DE PRODUÇÃO	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS	26
APÊNDICE	28

INTRODUÇÃO

Dados do Instituto Nacional de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA (2011) mostram que, nas últimas décadas, o grupo populacional que mais cresceu no Brasil foi o "muito idoso", de 80 anos ou mais. Além disso, "a proporção da população de 60 anos ou mais no total da população brasileira passou de 4,1% em 1940 para 8,6% em 2000" (IPEA, 2011, p. 2). Ou seja, o país está envelhecendo demograficamente.

Isso, no entanto, não significa que os idosos têm conquistado espaço no cenário atual. A parcela de familiares que cuidam desses indivíduos reduziu consideravelmente, deixando-os muitas vezes esquecidos em lares e asilos. Cerca de 83 mil idosos vivem em instituições de longa permanência públicas e privadas no Brasil, segundo estudo do IPEA (2011). De 1940 a 2009, 2.897 estabelecimentos voltados ao atendimento desse público foram abertos no país.

Diante do exposto, um livro-reportagem seria capaz de dar voz a esses idosos? A obra colaboraria para a eternização das histórias e experiências vividas? O trabalho poderia desenvolver a consciência em familiares que rompem o contato com essas pessoas?

O objetivo deste trabalho, portanto, foi desenvolver um produto midiático que exponha, por meio de capítulos individuais, as experiências e vivências de idosos internados em uma instituição de longa permanência, mostrando que a vida e seus desdobramentos não foram deixados para trás. Pretendeu-se, então, provar que ainda há muitos ensinamentos guardados no íntimo dessas pessoas. A obra foi um espaço aberto para que os idosos pudessem sentirem-se vivos na atualidade e demonstrassem que estão repletos de conteúdos a serem repassados.

O primeiro passo foi levar a conhecimento público as características e formatos de livro-reportagem, para mostrar que não é somente o jornalismo tradicional que transmite informações. O jornalismo literário, nesse sentido, exerce um trabalho diferenciado, com mais detalhes e aprofundamento.

Outro procedimento adotado no livro-reportagem é a humanização, ou seja, aproximar dados e informações do leito, fazendo o movimento de deslocamento de algo universal para o âmbito particular ou pessoal, ou do abstrato para o concreto (ROCHA; XAVIER, 2013, p. 14).

Para que a população tivesse ciência da quantidade de idosos existentes no Brasil, foi conceituado o envelhecimento demográfico no país. Assim, foram contextualizadas as histórias e experiências de idosos que vivem na Casa do Vovô, uma instituição de Ribeirão Preto que há 36 anos atende pessoas acima de 60 anos de idade que não possuem família ou

representantes que possam garantir qualidade de vida. Além de demonstrar a importância de manter vivos os relatos desses indivíduos para perpetuar tradições, buscou-se também a conscientização de familiares em relação ao abandono dessa geração.

De acordo com o sociólogo canadense Ervin Goffman (2001) em sua obra *Manicômios, Prisões e Conventos*, "a barreira que as instituições totais colocam entre o internado e o mundo externo assinala a primeira mutilação do eu" (GOFFMAN, 2001, p. 24). Seguindo a lógica, cada vez mais os idosos têm abandonado gostos, culturas, vontades e personalidades vivendo em asilos. Mesmo convivendo com outros indivíduos e funcionários, ocorre o afastamento do ser e abandono da interação.

Fora isso, "o idoso de uma ILPI¹ particular costuma ter uma dependência física e mental mais elevada. Quando bem de saúde, essa pessoa continua a morar com a família ou sozinho, em vez de seguir para essas instituições" (IPEA, 2011, p. 4). A ausência do contato familiar fomenta, segundo Goffman (2001), a vida solitária. Portanto, foi necessário compreender como o psicológico de cada indivíduo submetido a essas condições é afetado, quais são as memórias mais fortes, do que eles gostam de conversar, quais aspectos fazem falta na rotina e interações cotidianas.

A grande tarefa realizada foi a derrubada de barreiras entre os idosos e o mundo externo, no sentido de trazer à tona e mesclar, novamente, ambas as realidades. Dar voz aos "esquecidos" por oportunidade e mostrar que as histórias continuam fazendo parte do presente. Inicialmente, foi feito o levantamento bibliográfico, aprofundando as pesquisas sobre o tema em questão. Para isso, foi necessário um "conjunto de procedimentos para identificar, selecionar, localizar e obter documentos de interesse para a realização de trabalhos acadêmicos e de pesquisa" (DUARTE; BARROS, 2006, p. 54).

Dentre as diversas tipologias de um livro-reportagem apresentadas por Edvaldo Pereira Lima (2004) em *Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*, a obra produzida abrangeu os formatos de perfil, depoimento e história. Contando as experiências vividas por idosos internados em instituições de longa permanência, o lado humano precisou estar em evidência para torná-lo de interesse, o que configura o livro-reportagem de "perfil". Para que os relatos tivessem consistência, o formato "depoimento", que narra acontecimentos relevantes, caminhou ao lado da tipologia "história", responsável por criar a ponte entre fatos passados e o momento atual.

¹ O termo consiste na sigla correspondente às Instituições de Longa Permanência a Idosos, segundo o Instituto Nacional de Pesquisa Econômica Aplicada (2011).

Por ser uma abordagem jornalística, as histórias foram obtidas a partir de entrevistas realizadas durante o dia a dia habitual dos personagens. A intenção não foi questionar ou elaborar perguntas, mas sim estabelecer um contato próximo e pessoal que permitiu ao entrevistado sentir-se suficientemente confortável a compartilhar fatos e experiências, da mesma forma que Daniela Arbex (2013) e Eliane Brum (2006) desenvolveram, respectivamente, em suas obras *Holocausto Brasileiro* e *A Vida Que Ninguém Vê*.

Nesse caso, foi utilizado o método de entrevista em profundidade trazido por Duarte e Barros, que "explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada" (DUARTE; BARROS, 2006, p. 62). Assim, as perguntas foram ajustadas conforme as respostas do entrevistado de forma flexível e dinâmica. O livro-reportagem trouxe cerca de 15 personagens, que contaram suas histórias individualmente e foram distribuídas por capítulos, permitindo que cada um possuísse seu devido espaço na obra. Os entrevistados, portanto, foram informantes-chaves, considerados peças fundamentais ao enredo (DUARTE; BARROS, 2006, p. 70).

A dinâmica de entrevista foi aberta, sem itinerário definido, o que permitiu explorar ao máximo os relatos dos entrevistados. O diálogo caminhou como uma conversa informal

aprofundada em determinado rumo de acordo com aspectos significativos identificados pelo entrevistador enquanto o entrevistado define a resposta segundo seus próprios termos, utilizando como referência seu conhecimento, percepção, linguagem, realidade, experiência (DUARTE; BARROS, 2006, p. 65).

Desse modo, a metodologia foi baseada em pesquisa qualitativa, apenas seguindo um modelo de questão central a todos os personagens, e buscou, em cada depoimento, um conhecimento que merecesse ser repassado.

CAPÍTULO 1 – A HISTÓRIA DO LIVRO-REPORTAGEM

O jornalismo possui diversas maneiras de repassar uma mensagem ao leitor. Seja de forma rápida, objetiva, descritiva ou aprofundada, o profissional deve se reinventar a cada reportagem para garantir a atenção e fidelização do público-alvo. Ele "está inserido na sociedade e seu desenvolvimento dialoga com o contexto histórico, político, econômico, cultural, tecnológico, social e, consequentemente, com a dinâmica da sociedade" (ROCHA; XAVIER, 2013, p. 4).

O livro-reportagem é um dos veículos de comunicação utilizados na contemporaneidade. Apesar de não possuir data de nascimento exata, Eduardo Belo afirma em sua obra *Livro-reportagem* (2006) que "a reportagem em livro começou a ganhar força como um subgênero da literatura na Europa do século XIX" (BELO, 2006, p. 19). Nesse período, segundo ele, os materiais eram produzidos durante viagens de colonizadores, narrando os registros de cada uma delas.

O estilo chegou aos Estados Unidos no século XX, durante a Primeira Guerra Mundial, com o jornalista John Reed. Belo pontua que Reed é, inclusive, considerado por muitos estudiosos o pai do livro-reportagem moderno. A narrativa se desenvolveu a ponto de estampar grandes espaços em jornais e revistas.

O "divisor de águas", no entanto, foi o fim da Segunda Guerra Mundial. "O conflito que mudou o mundo alterou também o jeito e fazer jornalismo" (BELO, 2006, p. 23). Os veículos passaram a apostar em relatos de combate, desenvolvendo maior interesse por parte da sociedade em histórias reais. Diversos autores se consagraram nessa época.

O clima fervilhante da época e o avanço tecnológico dos jornais deram novo impulso à produção de matérias e grande fôlego, muitas delas levadas às páginas dos livros, e reaproximou o jornalismo da literatura. Surgiu o *new journalism* (BELO, 2006, p. 24).

No Brasil, a revista O Cruzeiro (1928) foi um dos primeiros exemplares a experimentar o viés literário. Em seguida, o estilo passou a tomar conta das redações e deu espaço, enfim, ao livro-reportagem. No entanto, em 1950, o jornalismo brasileiro adotou o modelo norte-americano, abordando a lógica da pirâmide invertida, onde os primeiros parágrafos da notícia deveriam conter as informações mais importantes para serem repassadas de forma objetiva. Esse foi o período em que a reportagem ameaçou se afastar da literatura, "mas um conjunto de transformações sociais, políticas, econômicas, culturais e até específicas

da profissão criaram condições e ao mesmo tempo necessidade de aproximação entre os profissionais da imprensa e o livro" (BELO, 2006, p. 32).

E é nesse espaço onde os repórteres se desafíam em produzir obras cada vez mais contagiantes que retratam histórias humanas, como, por exemplo, *A vida que ninguém vê*, de Eliane Brum. Por isso, a tipologia tem crescido no circuito editorial. Além desses, diversos outros fatores contribuem para o aumento, como

a queda do custo da impressão, a possibilidade de publicar em novas plataformas, o interesse do público, e também ser uma alternativa aos profissionais jornalistas de desenvolverem, por meio de um suporte específico, um texto diferenciado da prática das hard news (ROCHA;XAVIER, 2013, p. 4).

Isso é o livro-reportagem. Um veículo de comunicação aperiódico que "trata de acontecimentos ou de fenômenos reais e utiliza, para sua produção, procedimentos metodológicos inerentes ao campo do jornalismo, sem, contudo, descartar certas nuances literárias" (ROCHA; XAVIER, 2013, p. 7). A obra produzida nesses moldes é embasada em uma abordagem mais ampliada sobre os fatos, mergulhando profundamente em personagens e situações (BELO, 2006) que, por muitas vezes, são descartadas em reportagens comuns. É justamente essa característica que o torna ainda mais relevante, já que preenche

vazios deixados pelo jornal, pela revista, pelas emissoras de rádio, pelos noticiários de televisão, até mesmo pela internet quando utilizada jornalisticamente nos mesmos moldes das normas vigentes na prática impressa. Mais do que isso, avança para o aprofundamento o conhecimento do nosso tempo, eliminando, parcialmente que seja, o aspecto efêmero da mensagem da atualidade praticada pelos canais cotidianos da informação jornalística (LIMA, 2004, p. 4).

Além disso, o estilo "difere-se dos outros formatos jornalísticos (notícia, reportagem, nota) não pela simples constatação de ser mais extensa, mas por ter a possibilidade de mesclar diferentes gêneros: interpretativo, investigativo e literário" (ROCHA; XAVIER, 2013, p. 15). A somatória desses fatores resulta em um uma abordagem intensa e detalhada que

não substitui nenhum meio de comunicação, mas serve como complemento a todos. É o veículo no qual se pode reunir a maior massa de informação organizada e contextualizada sobre um assunto e representa, também, a mídia mais rica — com a exceção possível do documentário audiovisual — em possibilidades para a experimentação, uso da técnica jornalística, aprofundamento da abordagem e construção da narrativa (BELO, 2006, p. 41).

São diversas as formas de construir o enredo de um livro-reportagem. A definição do tema é um dos pontos cruciais do produto e deve embasar-se em valores-notícia, ou seja, em assuntos relevantes para a sociedade como um todo. O veículo permite grande liberdade temática, mesmo que o assunto já tiver sido tratado em outras ocasiões, pois é possível, nesse

caso, estender o poder de comunicação utilizando recursos que vão além das redações jornalísticas (LIMA, 2004, p. 82-83).

Não há um limite entre onde termina o jornalismo e começa a história, especialmente quando entende-se que o livro-reportagem auxilia na construção de sentidos. Não que a notícia não faça a construção de sentidos, mas a reportagem e seus desdobramentos podem oferecer contextos e novas abordagens para determinados fatos, a partir da compreensão de acontecimentos reconfigurados (ROCHA; XAVIER, 2013, p. 9).

O processo se inicia com o conceito de pesquisa bibliográfica trazida na obra *Métodos* e *Técnicas de Pesquisa em Comunicação*, onde o indivíduo deve levantar informações que auxiliem no trabalho. "É o desejo de esclarecer um assunto não suficientemente investigado que vai mantê-los motivados para atingir este objetivo" (DUARTE & BARROS, 2006, p. 53). Depois, o autor define o modo de obter os depoimentos, que, muitas vezes, baseia-se na entrevista em profundidade.

Essa técnica adquire as informações necessárias a partir de experiências de informantes, com perguntas definidas ou não. "A entrevista desponta no livro como uma forma de expressão por si, dotada de individualidade, força, tensão, drama, esclarecimento, razão, beleza. Nasce daí o diálogo possível, o crescimento do contato humano entre entrevistador e entrevistado" (LIMA, 2004, p. 107).

O procedimento de apuração é constante. Todos os dados levantados devem ser checados, o que garante que o produto trará conceitos autênticos e verdadeiros. O trabalho de investigação coloca "em prática o papel de guardião do jornalismo, de reportar sobre assuntos ocultos ou ocultados por pessoas ou instituições e que são de interesse público" (ROCHA; XAVIER, 2013, p. 16).

O jornalista também deve aguçar a percepção, pois é a partir dela que a narrativa torna-se rica. "Gestos, atos, movimentos, cenas, ambientes também informam, mesmo a ausência é uma informação" (ROCHA; XAVIER, 2013, p. 15). Com isso, a observação é capaz de agregar conteúdo ao tema. É possível, assim, "perceber vidas anônimas, invisíveis aos olhos da sociedade mesmo vivendo nela" (ROCHA; XAVIER, 2013, p. 16).

Após esse processo, o autor possui autonomia para definir como a obra será encaminhada. Ele é quem define se o narrador será observador ou participante, se as entrevistas serão descritas direta ou indiretamente e o gênero textual. O veículo permite, por exemplo, o uso de um "painel de multivozes e o repórter, o autor, é apenas um sutil maestro que costura os depoimentos, interliga visões do mundo com tal talento que parece natural tal arranjo" (LIMA, 2004, p. 107).

Existe ainda a possibilidade de classificar as histórias por subgêneros, baseando-se na tipologia da narrativa e no objetivo do autor. Edvaldo Pereira Lima enumerou-os em categorias, que vão desde livro-reportagem perfil e depoimento, até ciência e antologia.

Cada história é única e cada narrador tem suas peculiaridades. Conhecer fórmulas e modos de fazer é útil, mas o toque pessoal, o estilo, a sensibilidade do repórter, seu repertório cultural, o jeito de contar a história são os ingredientes que fazem a singularidade de um relato (BELO, 2006, p. 120).

CAPÍTULO 2 – O ESPAÇO QUE A TERCEIRA IDADE OCUPA NA SOCIEDADE

Segundo a Organização das Nações Unidas – ONU, o mundo está passando por uma transição do processo demográfico. Isso significa que, em todos os lugares, as populações serão mais velhas. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2016) mostram que as taxas de fecundidade têm diminuído no Brasil, o que acarreta em um aumento considerável de pessoas adultas e idosas. Esse número passou de 2,09 filhos por mulher, em 2005, para 1,72 filho por mulher, em 2015, resultando em uma queda de 17,7%.

Já o relatório do Instituto Nacional de Pesquisa Econômica Aplicada (2011) aponta que, nas últimas décadas, o grupo populacional que mais cresceu no Brasil foi o "muito idoso", de 80 anos ou mais. Além disso, "a proporção da população de 60 anos ou mais no total da população brasileira passou de 4,1% em 1940 para 8,6% em 2000" (IPEA, 2011, p. 2). Projeções da ONU apontam que, entre 2007 e 2050, deve-se duplicar a proporção de indivíduos com 60 anos ou mais no Brasil. Por isso, o IBGE considera que o Brasil tende a um processo de envelhecimento demográfico. Ou seja, o país passa a contar com maior participação de idosos na população e consequente diminuição dos demais grupos etários. A nação se aproxima, segundo relatório do IBGE, da taxa projetada em países desenvolvidos.

O IPEA apontou ainda que entre os 20 milhões de idosos que existem no Brasil, 83 mil vivem em instituições de longa permanência públicas e privadas. No entanto, o país possui apenas 218 asilos públicos. No período de 1940 a 2009, 2.897 estabelecimentos voltados ao atendimento desse público foram abertos no Brasil, mas 71% dos municípios brasileiros ainda não têm instituições para idosos. "[As existentes] estão concentradas na região Sudeste (dois terços), sendo que apenas o estado de São Paulo tem 34,3% do total" (IPEA, 2011, p. 6).

Durante a pesquisa, constatou-se que há "109.447 leitos, dos quais 91,6% estavam ocupados, ou seja, pode-se falar que as instituições estão operando com quase toda sua capacidade" (IPEA, 2011, p. 10). Ou seja, o país não tem acompanhado a evolução da composição populacional. Isso reflete de forma negativa na qualidade de vida dessas pessoas, que, muitas vezes, não possuem amparo da família ou condições financeiras. A parcela de familiares que cuida de idosos tem se reduzido consideravelmente e, por isso, os lares e asilos estão superlotados.

O sociólogo canadense Ervin Goffman estudou em sua obra *Manicômios*, *Prisões e Conventos* os diversos tipos de instituições de longa permanência e os reflexos dela no ser

humano. Segundo ele, as ILPI "podem ser, grosso modo, enumeradas em cinco agrupamentos. Em primeiro lugar, há instituições criadas para cuidar de pessoas que, segundo se pensa, são incapazes e inofensivas; nesse caso estão as casas para cegos, velhos, órfãos e indigentes" (GOFFMAN, 2001, p. 16).

Porém, é nesse mesmo espaço onde os idosos se fecham para o mundo real. "A barreira que as instituições totais colocam entre o internado e o mundo externo assinala a primeira mutilação do eu" (GOFFMAN, 2001, p. 24). Seguindo a lógica, cada vez mais eles têm deixado para trás gostos, culturas, vontades e personalidades vivendo em asilos. Mesmo convivendo com outros indivíduos e funcionários, ocorre o afastamento do ser e abandono da interação, principalmente entre familiares.

"Essas restrições de contato ajudam a conservar os estereótipos antagónicos. Desenvolvem-se dois mundos sociais e culturais diferentes, que caminham juntos com pontos de contato oficial, mas com pouca interpenetração" (GOFFMAN, 2001, p. 20). Fora isso, segundo o IPEA, "o idoso de uma ILPI particular costuma ter uma dependência física e mental mais elevada. Quando bem de saúde, essa pessoa continua a morar com a família ou sozinho, em vez de seguir para essas instituições" (IPEA, 2011, p. 4).

CAPÍTULO 3 – LIVRO-REPORTAGEM: HISTÓRIAS DO VOVÔ

3.1 – HISTÓRIA E CONCEITO

O livro-reportagem "Histórias do Vovô" abordou, justamente, as experiências de idosos que vivem em uma instituição de longa permanência em Ribeirão Preto (SP). O objetivo foi compartilhar histórias, experiências e ensinamentos, além de demonstrar a vivacidade que há por trás dessas pessoas.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2017), baseados em censos demográficos e projeções, a cidade é composta por 682.302 habitantes. Desses, 11,17% correspondem a pessoas acima de 60 anos. Ou seja, Ribeirão Preto possui 76.272 idosos de ambos os gêneros. Em 2010, segundo reportagem da Folha de S. Paulo, havia 48 lares na cidade (CASTILHO, 2010). Quanto ao número de instituições de longa permanência credenciadas, constam no portal da Prefeitura apenas seis.

Uma delas é a Casa do Vovô, asilo que há 36 anos atende pessoas acima de 60 anos de idade que não possuem família ou representantes que possam garantir qualidade de vida. A instituição, que é a maior da cidade, abriga hoje 76 idosos classificados em graus 1, 2 e 3. O primeiro grau significa que a pessoa é capaz de se locomover normalmente; o segundo indica que o indivíduo precisa de algum instrumento para andar, como muletas ou cadeira de rodas; e o terceiro, por fim, caracteriza idosos muito doentes ou em estado vegetativo. São 40 enfermeiros trabalhando ininterruptamente no local para garantir bons cuidados.

O trabalho é realizado conjuntamente com assistentes sociais, psicólogas, médicos e voluntários. Dentre as exigências para ser aceito no abrigo, o idoso não pode ser usuário de drogas, ter sido diagnosticado com doenças psiquiátricas e utilizar traqueostomia. Antes de ser aceito, o indivíduo passa por um processo de avaliação feita pelos profissionais. Além disso, nenhuma pessoa é levada para a instituição à força.

A trama se passou unicamente nesse cenário, a Casa do Vovô. A entidade é dividida em alas femininas, masculinas e de casais, além dos enfermos. Essa também foi a divisão da obra, ou seja, cada personagem faz parte da seção correspondente a sua ala. Para a composição, foram entrevistados 14 idosos, seguindo a metodologia de em entrevista em profundidade, que

é uma técnica dinâmica e flexível, útil para apreensão de uma realidade tanto para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado, como para descrição de processos complexos nos quais está ou esteve envolvido (DUARTE; BARROS, 2006, p. 64).

Desse modo, a pesquisa foi qualitativa, realizando entrevistas abertas, apenas com um modelo de questão central, com o objetivo de permitir que o bate-papo fluísse de forma natural e confortável para o indivíduo.

Cada capítulo do livro-reportagem contou uma história, para garantir o dinamismo da obra. O discurso transitou entre diálogo direto e indireto, permitindo que a conversa comandasse a narrativa. A ideia central sempre foi fazer com que o leitor se sentisse parte da obra, como se tivesse feito uma visita à instituição e conversado com cada um dos membros que a compõem.

Dentre os subgêneros elencados por Edvaldo Pereira Lima (2004), a obra transitou entre o livro-reportagem perfil, depoimento e história. O primeiro deles é caracterizado pela busca em "evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personagem anônima que, por algum motivo, torna-se de interesse" (LIMA, 2004, p. 52). Essa foi a categoria dominante da obra, visto que baseou-se completamente em pessoas e suas histórias. O depoimento, por sua vez,

reconstitui um acontecimento relevante, de acordo com a visão de um participante ou de uma testemunha privilegiada. Pode ser escrito pelo próprio envolvido - geralmente com a assistência de um jornalista - ou por um profissional que compila o depoimento e elabora o livro (LIMA, 2004, p. 52).

Nesse ponto, o subgênero se adequa a determinadas situações, já que nem todos os idosos fizeram observações realmente relevantes. Por fim, o livro-reportagem história "focaliza um tema do passado recente ou algo mais distante no tempo. O tema, porém, tem em geral algum elemento que o conecta com o presente, dessa forma possibilitando um elo comum com o leitor atual" (LIMA, 2004, p. 54).

Seguiu-se, portanto, o objetivo conforme os estudos qualitativos em geral, que

está mais relacionado à aprendizagem por meio da identificação da riqueza e diversidade, pela integração das informações e síntese das descobertas do que ao estabelecimento de conclusões precisas e definitivas (DUARTE; BARROS, 2006, p. 63).

Com isso, a cada capítulo, uma nova pessoa foi descoberta. Em, no máximo, cinco páginas, o leitor teve a oportunidade de viajar nas experiências do entrevistado e conhecer, mesmo que distante, a essência dele. Essa é a relação entre jornalismo e história, utilizar "da memória como fonte e método para abordagens" (ROCHA; XAVIER, 2013, p. 9).

3.2 – RELATO DE PRODUÇÃO

Essa talvez seja a parte mais difícil de toda a experiência. Já imaginou ter que descrever o trabalho responsável por aprovar ou não a conclusão do seu curso? É absurdamente complexo refletir todo o procedimento até aqui. Mas não custa tentar.

Não existe outra maneira de começar esse relato a não ser essa: meus avós. Eles que, infelizmente, não tiveram a oportunidade de me parabenizar pela aprovação na universidade são justamente os responsáveis pela conclusão dessa etapa da forma mais sincera possível. Você já teve um herói na vida? Eu tive, o nome dele é José Honório de Carvalho, alguém que tive o privilégio de chamar de "vô". Nesse momento pode passar por sua cabeça: e os outros três? Igualmente importantes, claro, e donos de um sentimento muito grande dentro de mim. Mas com Zezinho foi diferente.

Ele foi avô, pai, amigo, irmão, filho... esteve ao meu lado nos momentos mais difíceis da minha vida. Ou melhor, naqueles em que eu pensava ser os dias mais difíceis da minha vida. Incomparáveis àquele dia em que ele se foi. Tentei de inúmeras formas descrever a conexão que tínhamos, fiquei ao lado dele, cuidei e busquei retribuir tudo o que havia feito por mim e por todos da minha família. Complicado é conseguir chegar aos pés de tamanha grandeza guardada em um senhor de pouco mais de um metro e meio.

Pequeno por fora, mas um homem ímpar. Qualquer descrição é pouca para explicar o que foi José Honório na vida de todos. Conversador, devoto de Santo Antônio e fã de Juscelino Kubitschek, qualquer papo desenrolava uma grande conversa. Ouvir ele falar sobre qualquer coisa era meu hobbie preferido. Sobre história do Brasil então...

No dia 7 de junho de 2014, ele se foi. O último avô. Fim. Mesmo com essa breve descrição, é possível imaginar o tamanho do buraco que se abriu dentro de mim. A falta diária que sinto. Foi justamente nesse sentimento que vi a possibilidade de transformar dor em história. Conversa em capítulos. E eternizar a vida daqueles que não possuem alguém para bater um papo no final da tarde. Já pensou se todos os vovôs tivessem, pelo menos, uma pessoa para conversar?

E foi assim que defini o tema do meu trabalho de conclusão de curso. Em um dia de saudade, com vontade de falar, necessitando de contato... uma das primeiras instituições que pensei em realizar o projeto foi a Casa do Vovô. Até tentei pensar em outras, mas sabe quando é pra ser assim? Por conta do meu emprego, eu já conhecia as pessoas responsáveis

pela casa e conversava frequentemente com elas para agendar entrevistas. Meio caminho andado.

Feito o primeiro contato, fui até lá conhecer o local. A instituição é enorme, com diversas alas, enfermarias e salões. Logo no primeiro dia, conheci Wilson, um senhor alto, de 84 anos. Ele estava com seu radinho de pilha sentado perto da saída do local quando me cumprimentou. Me contou brevemente o que tinha vivido até chegar ali. Disse a ele que voltaria para conversarmos melhor e assim ficou combinado.

Encantada. Esse pode ser o termo que caracterize muito bem como saí de lá. Sem dúvida nenhuma, o tema estava fechado. A ideia seria conversar com idosos na casa e simplesmente escrever sobre a vida deles. Escrever, claro, porque é uma das coisas que mais gosto de fazer, onde consigo traduzir grande parte daquilo que sinto. Queria um livro-reportagem pensando na seguinte questão: na faculdade, produzi reportagens em vídeo, áudio, texto, documentários... ter mais um produto midiático, diferente de todos os outros, me parecia uma boa ideia. Passei então a imaginar esse livro pronto, cada capítulo para uma pessoa, com imagens que demonstrassem um pouco da essência particular, em uma linguagem simples, porém poética, para que qualquer indivíduo fosse capaz de captar a mensagem a ser repassada.

Pronto: um livro-reportagem sobre histórias de idosos que vivem na Casa do Vovô. Começa, então, o processo prático. Após um vasto levantamento bibliográfico para produzir a parte teórica do TCC, estava na hora de dar início às entrevistas. Essa etapa calhou de combinar exatamente com minhas férias, tanto da faculdade quanto do emprego. Seria o melhor momento para desenvolver o livro sem preocupações e pressa, não fosse o cansaço. O semestre na faculdade havia sido extremamente desgastante e fazia quase três anos que não tirava férias do serviço. Arrumei minhas coisas e fui para a casa da minha mãe em uma cidade vizinha.

Infelizmente, eu deixei esse tempo passar. Se faria novamente? Do fundo do coração, eu não sei responder. Nos últimos dias das minhas férias, voltei para Ribeirão e comecei o trabalho. Peguei um ônibus até a casa e lá fui recebida pela enfermeira-chefe, Ana Paula. Posso dizer, com propriedade, que ela foi a melhor ajuda que pude receber nesse período. Passeamos pelo local e conseguimos selecionar 17 idosos. A maioria topou sem pestanejar, mas é claro que sempre vai ter alguém que te diz não. E não adianta se chatear por isso.

No dia seguinte, dia 31 de julho, acordei bem cedo, peguei o ônibus e fui até lá. Fiquei na casa das 8h30 até às 16h30. Consegui entrevistar três moradores. Voltei para minha casa

com a cabeça cheia a ponto de explodir, mas pensando que ainda precisaria transcrever as mais de seis horas de conversa que tive. Mas a única coisa que fiz foi chorar... de saudade, de tristeza, de medo. Já de volta ao trabalho, a correria se fez - acordar às 7h para chegar na casa às 9h, entrevistar, ir para casa, subir para o serviço, ir para a faculdade. Essa foi a rotina até o dia 19 de agosto.

Eu não preparei um roteiro, porque não queria ditar o ritmo da conversa. A intenção era justamente ser um livro em branco para que as histórias fossem escritas. As únicas perguntas que fiz para todos foram: é aposentado? Tem irmãos? Filhos? Casou? Está aqui há quanto tempo? O restante ficou por conta de cada um selecionar o que contar e de que forma isso seria feito.

Todas as entrevistas foram gravadas em áudio e descritas em um caderno, onde eu aproveitava para elencar as partes mais importantes da conversa e ainda anotar detalhes, manias e trejeitos das pessoas. Esse, com certeza, foi um diferencial para as histórias: atenção às pequenas coisas, como ROCHA; XAVIER (2013) aconselharam na obra *O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico*.

Tudo caminhava bem, até o dia em que cheguei na casa e recebi a notícia de que uma das senhoras que estava em minha listagem de entrevistas havia falecido. Ainda não tinha conversado com ela, apenas no primeiro dia, quando nos apresentamos. Voltei para a casa triste e desmotivada, imaginando se a situação iria se repetir durante o processo. Claro que eu deveria ter pensado nessa possibilidade, afinal, são idosos. Mas não consegui assimilar o fato muito bem. Isso me fez questionar todo o trabalho. Será que compensaria continuar? Seguir em frente e correr o risco de perder mais pessoas? Ter que lidar com esse luto que nem é meu, mas que doía em mim como se fosse?

Não o bastante, a partir desses questionamentos surgiram outros. Esse trabalho é realmente relevante? As pessoas vão se interessar em ler um livro sobre a vida de outras? No dia seguinte, acordei e não consegui ir. Pensei sim em abandonar tudo. As transcrições eram demoradas por conta das extensões das conversas, nenhum aplicativo reconhecia os áudios, muitos dos entrevistados tinham dificuldade em falar... foi quando me apeguei àquela ideia inicial e a grande motivação de todo esse trabalho.

Mas é claro que nem tudo ficou fácil. Terminadas as conversas, era a hora de transcrever e produzir as histórias. Isso foi tomando tanto tempo no dia a dia que o desânimo voltou. Quando parei para perceber, já era outubro e eu tinha quatro entrevistas completamente decupadas. Só quatro. Nenhuma história pronta. Foi quando optei por

começar a escrever os capítulos e mudar a dinâmica. Ouvir as entrevistas e escrever. A transcrição seria reduzida e conteria somente as partes utilizadas no livro. Ainda faltavam as fotos, as autorizações... ainda faltava muito.

Os prazos apertaram e entendi que seria necessário reduzir a produção final. Das entrevistas realizadas, optei por levar de oito a dez à banca e finalizar o projeto posteriormente. É preciso saber, acima de tudo, organizar o tempo. Se tem uma coisa que me arrependo sem pestanejar é ter deixado tudo se tornar uma grande e infinita bola de neve. No fim das contas, você está tão cansado que a capacidade criativa fica de lado e entra em jogo o modo automático. Mas como fazer jornalismo literário impessoal? Esse é o problema, não dá. Como consegui? Não sei nem como explicar. Mas quando se faz com amor, dá certo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou um olhar mais abrangente para o grupo mais esquecido da população brasileira: os idosos. Há décadas, o país tende a um envelhecimento demográfico, já que essa parcela de habitantes tem se destacado nas pesquisas de institutos. No entanto, esse destaque não é a realidade aos 83 mil idosos que vivem em instituições de longa permanência públicas e privadas no Brasil. Muitas vezes afastados dos familiares, o resultado é o esquecimento.

Sabe-se que os cuidados empenhados a esses indivíduos são complexos e exigem recursos. Porém, ao desenvolver a pesquisa de campo em uma das maiores instituições que atendem esse público em Ribeirão Preto, foi possível constatar que, na maioria dos casos, o problema não é a renda. Muitos familiares justificam que mantêm os idosos no asilo por falta de tempo e, consequentemente, de dedicação. Essa afirmação até faria sentido, não fossem os relatos: grande parte dos idosos não possui contato algum com a família.

Diante disso, notou-se a necessidade de falar sobre essas pessoas e dar a atenção merecida. Foi por esse motivo que surgiu a proposta de produzir um livro-reportagem, gênero jornalístico, que desse aos idosos a oportunidade de conversar sobre a vida e momentos memoráveis. Oferecendo um espaço aberto para recordações, sentiriam-se vivos e distanciariam-se do anonimato.

Assim, foram selecionados 17 moradores da Casa do Vovô. Desse total, 15 se dispuseram a participar do projeto. Uma delas, no entanto, faleceu logo no início. Foram, portanto, 14 relações estabelecidas com a finalidade de eternizar experiências vividas. Confirmando o objetivo e o problema de pesquisa levantados durante a fase inicial da pesquisa, a obra foi capaz de dar voz a esse público e quebrar as barreiras impostas entre o indivíduo e o mundo externo. Demonstrando que ainda há muito a ser ensinado por essas pessoas, a obra recupera o laço existente entre a sociedade e os internados.

Ao compreender de que forma o psicológico de cada pessoa submetida às condições de internação é afetado, foi possível selecionar quais são as memórias mais fortes, do que cada um gosta de conversar, quais aspectos fazem falta na rotina e interações cotidianas. Os capítulos, apesar de individuais, mantêm a mesma proposta de enfocar situações, realizações, problemas e experiências de quem vive na Casa do Vovô.

A partir da pesquisa de campo, ficou clara a forma com que a ausência familiar é marcada na essência de cada um deles. O mínimo sinal de interesse em estabelecer um

diálogo e conversar sobre histórias da vida despertou entusiasmo e as entrevistas em profundidade duraram quase duas horas cada. Todos, sem exceção, mencionaram os familiares.

Foi nesse cenário que o livro-reportagem pôde comprovar a exclusão social do grupo delimitado, que, mesmo tendo crescido consideravelmente, não é lembrado pela maioria. Após a conclusão, a obra ainda carrega o objetivo final de promover a reflexão crítica, tanto em familiares quanto no público em geral, acerca do abandono dos indivíduos, muitas vezes esquecidos em lares e asilos.

REFERÊNCIAS

ARBEX, Daniela. Holocausto Brasileiro. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

BELO, Eduardo. Livro-reportagem. São Paulo: Contexto, 2006.

BRUM, Eliane. A Vida que Ninguém Vê. Porto Alegre: Arquipélago Editorial Ltda, 2006.

CASA DO VOVÔ. (s.d.). Casa do Vovô. Disponível em:

http://www.casadovovo.com.br/casadovovo.php. Acesso em: 22 nov. 2017.

CASTILHO, Araripe. **Idosos em asilos recebem mais visitas**. Ribeirão Preto: Folha de S. Paulo, 2010. Disponível em:

https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ribeirao/ri0808201016.htm. Acesso em: 10 jun. 2018.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação** (2ª ed.). São Paulo: Editora Atlas, 2006.

GOFFMAN, Ervin. **Manicômios, Prisões e Conventos** (7ª ed.). (D. M. Leite, Trad.) São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira**. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98965.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2018.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Panorama Ribeirão Preto**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/ribeirao-preto/panorama. Acesso em: 06 jun. 2018.

IPEA, Instituto Nacional de Pesquisa Econômica Aplicada. Condições de funcionamento e infraestrutura das instituições de longa permanência para idosos no Brasil (maio de 2011). Disponível em:

http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/comunicado/110524_comunicadoipea93. pdf>. Acesso em: 22 nov. 2017.

LIMA, Edvaldo P. **Páginas Ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura (4ª ed.). São Paulo: Editora Manole, 2004.

ONU, Organização das Nações Unidas. **A ONU e as pessoas idosas**. Disponível em < https://nacoesunidas.org/acao/pessoas-idosas>. Acesso em: 05 jun. 2018.

PREFEITURA DA CIDADE DE RIBEIRÃO PRETO. (s.d.). Relação das Entidades Sociais Regulares do Município de Ribeirão Preto. Disponível em:

https://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/scidadania/equipamentos/i27entidades.php. Acesso em: 13 jun. 2018.

ROCHA, Paula M.; XAVIER, Cintia. **O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico**. USP: *Rumores*, *7*, 2013. pp. 138-157.

APÊNDICE

ENTREVISTA COM OROZIMBO FERREIRA SOARES FEITA PESSOALMENTE NO DIA 31/07/2018 , NA CASA DO VOVÔ

(A conversa se inicia com Orozimbo falando)

Orozimbo - Eu puxei meu pai, meu pai não tinha diabetes, eu também não tenho.

Alice - Não tem?

Orozimbo - Não tenho

Alice - Nada de saúde?

Não, saúde boa, graças a Deus

O senhor é daqui de Ribeirão?

Não, sou de Cuiabá, Mato Grosso. Vim pra cá com oito anos

Fazer o que?

Me considero filho, filho daqui de Ribeirão né, porque eu vim criança, vim com oito anos aí não voltei mais pra lá

O que o senhor veio fazer aqui? Veio com os pais?

Meu pai, eu morava com meus pais. Aí minha mãe tinha uma irmã que morava aqui, não morava em Mato Grosso, então ela queria que minha mãe viesse pra cá, aí nós veio pra cá Entendi

Eu tinha quatro irmãos né, três já morreu, a caçula morreu com 45 anos

Nossa, que nova

A outra abaixo de mim tá com 79 anos, a outra, chama Josina

E mora onde?

Tá na casa de repouso também, tá internada. Eu não tenho ninguém, meu pai morreu, sou solteiro

O senhor nunca casou?

Nunca, nunca casei

Coisa boa, hein?!

Eu arrependi né... porque a gente tinha que ter uma família, porque hoje aí fica aí, sem lugar pra ficar, valesse que tem aqui né, aqui eu to bem, graças a Deus.

Então! O senhor gosta daqui?

Gosto, gosto daqui, é um povo muito bom demais. Eu também não amolo ninguém deles aí né, eles também não amolam a gente, trata bem né. Principalmente essa menina que foi com você ontem, a Paula. Eu chamo ela de menina porque ela tem idade pra ser minha filha

É verdade, ela é boazinha, muito atenciosa

Gentil demais, a gente precisa de qualquer coisa ela arruma aí na hora pra gente né

Claro, o senhor é aposentado?

Sou, sou aposentado

O que o senhor fazia?

Eu, eu trabalhava de carpintaria, carpinteiro. Carpinteiro é mexe com telhado de casa, essas coisas né, madeiramento

Certo, trabalhou a vida inteira?

Trabalhei muitos anos com o Taruzzo (?), fábrica de móveis também com o Taruzzo também trabalhei, trabalhei demais, trabalhei demais até estourei a veia da perna aqui de tanto trabalhar, aqui ó

Aí, tem marca do trabalho, pra não esquecer né

É, pra não esquecer. Trabalhei muito na vida viu. Trabalhei bastante, era pra ter ficado bem, que nem aqui. É, então eu quero dizer que hoje tá bom pro trabalhador, hoje tem hora extra, tem tudo né. E naquele tempo dos antigos o serviço era das seis às seis, endireitou bastante.

Porque hoje trabalha 12 horas, para no outro dia, melhorou mais um pouco

Ah sim, com certeza

Aí agora o que você quer que eu falo?

O que o senhor quiser! Tem alguma história legal que aconteceu legal que aconteceu na sua vida, às vezes também não é legal, alguma coisa que te marcou?

Marquei, marquei quando era pequeno minha mãe lavava uma roupa de Santa Casa lá em Cuiabá, eu tava mais ou menos mais ou menos com 11 pra 10 anos, eu era muito pequeno. Eu carregava uma trouxa de roupa assim que não era eu que tava carregando aquela mala, sabe? Que eu via minha mãe dar duas ou três viagens e eu queria que ela não desse as três viagens, eu trazia uma mala de roupa, meu pescocinho vinha fundo assim, equilibrando assim, mas eu trazia. Aí lavava roupa como daqui lá na Porto Seguro, você sabe onde é a Porto Seguro? Vixe

Que tem um rio na Porto Seguro, é dois quarteirões daqui lá. Aí eu carregava aquela mala de roupa, levava na beira do rio, ela lavava, lavava roupa de Santa Casa. Era branquinha, a roupa ficava né, estendia na areia, areia branquinha, não sujava a roupa não

Dava pra secar

É, pra secar, secava naquela areia... sequinha, sequinha ficava a roupa, era uma roupa nova, sabe? Ela fervia a roupa, levava lata pra ferver, então nós era muito pequeno. Ela ajudou meu pai o máximo que podia, o máximo que podia ajudar ela ajudou. Ela lavava roupa, fazia comida, cuidava de nós, trabalhou muito né. Depois veio pra cá pro estado de São Paulo, pra Ribeirão, foi trabalhar no Matarazzo, trabalhou 30 anos no Matarazzo, aposentou O que é Matarazzo?

O Matarazzo é de tecido, que faz pano, roupa, pano de loja, aqueles panos que vendem. Ai trabalhou 30 anos. Aposentou. Aí eu quero dizer que ela aposentou e aí ela perdeu uma vista, ficou cega também. Mas tudo isso é a diabete que fez isso aí sabe. Ela nunca tomou remédio de doutor, né. Ela nunca se cuidou. Esse povo antigo é muito de não tinha fé, parece. Eles tinham fé com remédio de casa. Eu não, eu quando sentia qualquer coisa eu vou pro doutor, eu vou fazer um exame, qualquer coisa né. Eles aqui cuidam da gente que nem fosse uma mãe da gente. O povo muito bom, não tem queixa deles não. A gente vai ficar velho, a gente toda vida não vai ficar novo. Eu pensei assim, falei assim, ah eu vou adquirir uma família. Depois daí eu garrei viajar também, mexer com venda de material, cimento, tijolo vendendo. Só que daí eu falei assim, ah agora já tá no fim da vida não vou mais casar. Aí minha mãe falava assim, arruma uma moça e casa, você não vai ter nós pra toda vida, não vai ficar toda vida assim, um dia você fica velho e depois não tem quem olha você. Aí eu falei assim, Deus ajuda. E deus tem ajudado, porque a gente pensa que não tem os outros que olha, tem muita gente né, olhando a gente né, gracas a Deus.

Com certeza. E o senhor se arrepende de não ter casado?

Ah, eu fico arrependido né, porque a gente tinha que ter uma família né. Eu falei assim, pensei assim, falava assim "a senhora mais o pai não vai morrer nunca né", eu pensei, eu não vou casar não, vou ficar solteiro mesmo. Aí eu namorei bastante moça

Namorador o senhor?

É, namorava uma, namorava a outra, enquanto minha mãe falava assim "você vai perder seu tempo, hein". Perdi meu tempo mesmo

Perdeu?

É, moças boas que achei pra casar viu. Aí eu falei assim, podia ter casado né, pra ter uma família. Mas depois já passou, agora acabou, a água não passa mais debaixo da ponte né, agora acabou. Agora seguir outra vida, agora aqui eu só vou sair se Deus quiser só morto.

Ah é? O senhor não pretende ir embora daqui então?

Não vou de jeito nenhum. Eu vou, vou pra onde? Vou pra debaixo da ponte? Não pode né Não pode

A gente fica debaixo da ponte, hoje não tem nem mais lugar pra ficar

Hoje não tem nem mais ponte! O senhor tem que brigar pra conseguir uma ponte

 \acute{E} , eu não saio daqui não, aqui é tão limpinho, você viu lá quarto ontem lá, você viu Sim, arrumadinho

A cama arrumadinha, tudo arrumado, guarda-roupa, se você vir ver o guarda-roupa. Vamos lá em casa que eu vou te mostrar as roupas tudo arrumadinho

Vamos

Sair daqui é só morto mesmo. Não é que nem lá pra rua né, que fica deitado, jogado, tudo sujo, é limpinho

Pelo menos aqui o senhor toma banho, tem hora pra tudo

Aqui é tudo, aqui eu levanto cinco horas, vou fazer a barba. Seis horas mais ou menos já tomo banho já. Aí se apronto, troco de roupa, logo logo o café, o café é oito horas. Troco de roupa, aí tem uns aí que põe a roupa do mesmo corpo, do mesmo dia. Eu não, eu tenho muita roupa demais, eu vou me trocar, tomo banho e já troco de roupa. Cueca e tudo, porque eu tenho bastante

A cada banho, uma roupa?

É, se tomar dois banhos, duas trocas de roupa. Mas é bobeira né, duas trocas. Trocar um por dia, uma vez por dia tá bom né

Ah mas se o senhor gosta

É, não sua, não trabalha né

Pode trocar quantas vezes quiser

Roupa tem bastante. Ainda não te mostrei a roupa que eu fui, levei hoje cedo pra lavar aí. Já levei umas dez camisas pra lavar

O senhor que ocupa a lavanderia então

É, todo dia lavo roupa aqui, direto e reto, não para de jeito nenhum. Principalmente esses de cadeira de rodas né, suja muita roupa de cama né

O senhor sente falta dos seus irmãos?

Sinto, sinto falta, mas vai fazer o que né, já morreram tudo, só tem uma só viva só

Faz tempo que o senhor não vê?

Ah, faz uns oito meses mais ou menos, faz pouco tempo. Que eu tô aqui já vai pra cinco anos que eu tô aqui, ainda falta ainda pra cinco anos uns seis meses ainda

Pertinho já

Eu morava no Campos Elíseos, em frente a pracinha do Santo Antônio, conhece lá?

Sim, conheço. Meu avô era devoto de Santo Antônio

Santo Antônio é poderoso hein. Eu gosto do Santo Antônio, gosto

Cuidava da sua casa ali né?

É, é quase em frente a pracinha, naquela travessa que eu morava

Aí o senhor saiu de lá e veio pra cá?

Já vim pra cá. A casa tava quase caindo e eu não queria sair não

Tiveram que tirar o senhor

É, aí eu tava no Padre Euclides viu, fiquei lá dois anos. Mas lá na Padre Euclides foi assim. Meu irmão não tinha ninguém pra tomar conta dele, ele era doente, ele ficou viúvo, a mulher morreu, ficou sozinho. Então eu fiquei na companhia dele fazendo comida, lavando a roupa, passava

Ele morava com o senhor?

É, morava comigo. Aí eu já tava na Padre Euclides. Da Padre Euclides ele foi lá me tirar, falou assim "você tem que morar comigo, eu não tenho ninguém que toma conta de mim, tem você e você tem que tomar conta de mim, você é mais velho né, tem que me olhar". Aí eu peguei, fiquei com dó dele e falei assim né, vamos, a gente vai sair. Aí eu pedi a demissão porque eu ia sair. Aí quando fez um mês que eu tava morando com ele, ele morreu. Morreu, pedi pra voltar, eles não deixaram não, voltar lá não

Não acredito

Falaram assim, você já foi embora, agora não pode mais voltar. Mas se eu vou no delegado, delegado fazia eu voltar viu, eu não tinha mais lugar

O senhor não quis?

Aí o seu Nelson aí da padaria que fornece aqui pão, ele falou pra mim vou te arrumar lá no vovô pra você, você vai no vovô, amanhã venho te buscar cedo aqui, lá pras nove horas e no vovô você vai arrumar lugar lá. Aí eu peguei vim com ele aqui, direto aqui, chegou pra ele, conversou aí, a moça aceitou, falou tem um lugar pra ele aí. Aí o seu Nelson falou assim, a perua se não for buscar os trem dele, a roupa, roupa de cama, tudo o que ele tem, ele vem amanhã pra cá. Aí o seu Nelson falou assim, amanhã cedo eu venho buscar você, vou fazer sua mudança pra lá. Chegou lá, encostou a caminhonete, nós pusemos tudo dentro, a mala, tudo, o saco de roupa de cama, um sacão assim, dois sacos de roupa de cama. A roupa de cama eu não sei onde que tá, sumiu tudo aí pra dentro, tá por aí. Aí eu peguei vim pra cá, aí seu Nelson falou assim agora o senhor tá colocado, vim pra cá e faz mais ou menos um seis meses que eu não veio o seu Nelson

Nossa

A padaria dele é aí pertinho ó. E ele vem todo dia aqui entregar pão aqui, mas é cinco horas da manhã né

Entendi. O que o seu irmão tinha?

Diabete

Também?

É, que puxou minha mãe, pegou tudo. A caçula também, morreu com diabete

Nossa

É, a minha mãe foi com diabete, só meu pai que não tinha, meu pai não tinha diabete Então a mãe, o irmão e a irmã morreram de diabete?

É, e tem uma viva né, essa abaixo de mim. E é só da família que ta vivo é eu e ela, o resto já foi tudo embora

E aí o seu pai morreu de que?

Ah, morreu de idade mesmo, tava são, ele deitou na cama, quando foi no outro dia amanheceu morto

Olha que benção

É, ele morreu ele morreu na rua Padre Euclides. Aí fez o enterro dele, ele tá no Bom Pastor, tá enterrado lá, morreu com 99 anos

Nossa

O pai dele morreu com 116 anos

Não acredito. O senhor tá bem encaminhado então, tem mais uns vinte anos pela frente

É, eu não tava querendo não viu

Não?

Não, dá muito trabalho né

O senhor acha?

Ah, eu penso que dá né. Se for assim ainda tem uns vinte anos pra me aturar então. Mas o meu pai não aturou vinte anos, aturou, faltou um ano pra cem anos hein

Então, chegou pertinho

É. Ah, eu queria eu queria assim, que Deus mandasse uma morte pra mim assim, uma morte que não é de sofrer né, amanhecer dormindo, dormindo quando no outro dia amanhece morto Igual seu pai

E eu acho que eu não tenho muitos pecados pra pagar, eu penso que não, mas Deus sabe né os pecados que a gente tem

O senhor acha que não pecou muito?

Ah, eu brigava de criança, eu era muito arteiro demais, gostava de matar os passarinhos, judiar. É, ruim, ruim, graças a Deus nunca fui assim de opinião de fazer ruindade. Outro dia teve um homem aí, ele vendeu um calçado aí pra uma dona aí

Vendeu o que?

Sapato, lá naquele quarto lá, ele mora comigo, comigo, aquele que foi tirar a carta lá do shopping

Certo

Aí ele tava vendendo sapato, chegou aí uma mulher que trabalhava aqui, pegou comprou três pares de sapato dele, dele lá, e ela foi embora daqui, mandaram ela embora com cinco anos de casa ela foi embora. Aí ela não pagou o sapato dele, ela comprou e não pagou os três pares, devia 110 e ele falou assim, ô gente, o homem agora vai vir aí, eu preciso de acertar com o homem e essa mulher não me pagou. Eu peguei, eu não conheci nem a mulher direito, trabalhou aí na cozinha aí, eu nem tinha conhecimento. Eu peguei falei assim, quanto ela te deve, ah ela me deve 110. Enfiei a mão no bolso, tirei o dinheiro, paguei ele. Eu falei assim, eu vou pagar, ah mas o senhor não comprou nada de mim. Eu falei assim, ó, você tá apertado aí, não pode pagar o sapato aí, o homem vem buscar dinheiro aí né, que eu vou pagar esse dinheiro pra ela. Peguei e paguei. Paguei, foi uma bondade que a gente fez, porque a gente não pode ser ruim pros outros também viu, essa maldade pra ninguém. A gente tem que fazer o bem né pra receber. Quando pode fazer o bem, a gente deve fazer

Tem tanta gente que não pensa assim né

É, que nesse mundo a gente não é nada nesse mundo, a gente tá aqui de passagem Isso mesmo

E ela nunca mais voltou pra pagar o sapato?

Não, e hoje a colega dela que tava aí na cozinha aí, eu fui tomar café, ela chama Cida, é mulher casada, tem filho, tem tudo, aí eu peguei e falei assim, fala pra dona Cida que eu paguei o sapato que ela comprou do homem aí, os três pares, a sujeira que ela fez. Falou assim, mas ela não devia ter feito isso aí. Eu falei, e ela fez isso daí. É sujeira isso aí, muito feio isso aí. Não comprava né, se ela tivesse intenção de pagar, não comprava os três pares, comprava um par só né e pagava certinho. Eu fui também zelador de prédio também. Fui zelador de prédio do Maluf em São Paulo

Ah, o senhor morou em São Paulo?

É, eu fiquei trabalhando em São Paulo quase uns nove anos

O que o senhor foi fazer lá?

Eu fui trabalhar de zelador de prédio

O senhor foi lá pra isso?

É, veio uma cunhada da minha irmã, já morreu ela, chegou aqui falou pra minha irmã assim, fala pro orozimbo que se ele quiser ir pra São Paulo trabalhar pro Maluf lá, eu sou zeladora de prédio, ai o Maluf tinha muito serviço de zelador de prédio, o Maluf tem mais ou menos umas 15 mil casas e prédio ele tem mais ou menos uns 30 prédios. Aí eu fui ser zelador de um prédio, ganhava bem viu lá, mas depois daí eu vim buscar minha mãe e minha mãe não quis ir Ah, não acredito

Não quis, ela falou assim, eu quero ficar perto das meninas aí, tem as netas dela né, eu quero ficar perto das meninas, nós já tamos velhos, eu mais seu pai, aí eu segui eles, segui o caminho dela. Peguei falei, quer saber se uma coisa, Maluf, eu vou embora. Minha mãe não vem, meu pai não vem e eu não vou enfrentar essa dureza eu aqui sozinho aqui não, em São Paulo. Ah, arruma uma muié aí, casa aí, mora aí junto aí, qualquer jeito. Falei ah não, eu não vou ficar aqui não. Aí ele falou assim, arruma uma muié, casa então de uma vez, eu te dou os móveis, te dou tudo. Falei ah não, não quero não. Eu morava no térreo embaixo sabe. Aí eu trabalhei lá mais ou menos uns nove anos, peguei e saí

Voltou pra cá?

Voltei pra cá, pra Ribeirão. Não gostava de São Paulo não, é muito corrido demais né, corre demais.

E a cidade também não é bonita né

Fumaceiro, todo dia aquele fumaceiro lá, a gente suspira aquilo lá, faz um mal hein Vixe se faz

Eu peguei e vim embora, eu falei assim ah, eu vou embora. Mas ele era muito bom viu E aí o senhor voltou pra e continuou

Voltei pra cá, quando fez 15 dias ele veio atrás de mim aqui pra voltar, falei ah não vou voltar não. Ah, vamos voltar, vamos voltar. Falei ah, não vou voltar mais não. Aí ele foi embora. Agora deu derrame nele, tá ruim né, coitado dele. Ele não foi ruim pessoa não viu. Ele era muito bom pra gente.

E aí o senhor voltou

Eu gostava dele, gostava dele, bom, não é miserável. Ele é farturento, não deixava faltar nada pra mim, mas nada nada. Ele ia todo dia no prédio onde que eu tava, todo dia

E aí quando o senhor voltou pra Ribeirão, voltou a trabalhar de carpinteiro?

É, voltei pra Ribeirão, trabalhei aí mais uns três anos, logo logo já aposentei já. Aposentei acho que tá fazendo uns 15 16 anos, mais ou menos

Ainda bem né que o senhor conseguiu aposentar, agora mudando a lei

É, agora não tá de brincar não viu. Agora daí esses de primeiro, de primeiro que tinha idade. Fazia, era por idade. Agora hoje tem que distribuir 20 anos mais ou menos, 20 ou 15 anos tem que pagar pra aposentar. Eu não tinha vergonha na época pra trabalhar, eu trabalhava com o engenheiro da prefeitura, o engenheiro falava assim pra mim, pega essa enxada aqui, essa escavadeira, eu atravessava na praça quinze nas costas assim ó, não tinha vergonha não. Eu falava assim, vergonha é roubar e não poder carregar. Agora assim tá trabalhando todo mundo fala assim, esse aí é trabalhador. O caráter do homem é trabalhar né. É trabalhar, será que não acha um servente de pedreiro aí pra fazer reboco, massa aí, pra não trabalhar. Aí eu trabalhava em qualquer serviço, não escondia de serviço não

E o que o senhor gostava de fazer?

Eu gostava de de trabalhar, chegar no serviço, trabalhar, tudo por conta própria né de empreitada né o serviço. Só que era tudo registrado também, de empreita mas era registrado. Aí era tudo bom naquele tempo. Hoje aí esses que chega aí que quer levar o patrão na Justiça, trabalhar 15 dias, 20 dias e já quer dar parte no patrão. Eu to nessa idade aí e nunca levei um patrão na Justiça, não, nunca levei, quase com 82 anos. A gente tem que fazer, quem tem que fazer a pessoa da gente é a gente né

O senhor é o filho mais velho?

É, sou, eu vou pra 82

Então os outros dois que faleceram eram os mais novinhos

É. Benedito, o Benedito tinha 67 anos, o Benedito esse que morreu. Novo né?

Novo demais

Era fortão ele, braçudo, forte, ele pegava um saco de arroz assim, jogava assim no alto, muito forte ele. O mais fraco era eu

E a outra irmã morreu com?

Com diabete, Maria

Quantos anos?

Nova, 45 anos.

E a mãe, morreu com quantos?

A mãe morreu com 65

Nossa

A minha mãe tá com mais de 50 anos que já foi enterrada Jura?

É uai, eu tava com 30 anos. To com 82. Faz tempo hein

Nossa!

Mais um pouquinho eu não conhecia minha mãe, não ia conhecer quase

Nossa, mas já pensou?

É, 50 e poucos anos, 51 ano acho que é. Faz tempo que minha mãe morreu

O senhor sente falta?

Ah sinto, minha mãe era bonita, menina. Meu pai era bonito também. Nós era duma feição assim. Eu tinha uns irmãos bonito, agora essa caçula, minha irmã, é a coisa mais linda, bonita. Fumava quatro maços de cigarro por dia, eu falava pra ela assim, Maria para de fumar que o cigarro te mata. Ah, não mata não! Era café e cigarro, comida não, de jeito nenhum. Só café e cigarro. Morreu, deixou duas filhas, deixou a Paulinha e a Lia.

O senhor nunca teve esses vícios, nunca fumou?

Eu? Eu vou falar pra você, eu fumava, fumava dois maços de cigarro Ministro, vai fazer 50 anos que eu larguei de fumar. Foi assim ó, a minha mãe, pegou tava no velório, ela falou assim, nenê! Meu apelido era nenê. Larga a mão de fumar que o cigarro te mata, nenê. Ah mãe, o dia que for pra largar eu sei. Aí eu fui no velório dela, fiz o enterro dela, aí quando eu vim tinha dois cigarros no maço. Fumei os dois cigarros, era um mês de frio, tava um frio danado, eu peguei falei assim, por esse sol que tá brilhando aí eu vou fumar esses dois cigarros aqui, nunca mais na minha vida eu vou fumar. Nunca mais. Aí eu peguei falei assim, porque minha mãe falava que não era pra fumar mais, eu falei que quando for pra largar eu sei, mãe. No outro dia fez o velório, foi enterrada, peguei tomei um café e fumei os dois cigarros juntos

Acabou?

É, acabou. Aí eu falei nunca mais ponho cigarro na boca, 51 anos que eu não ponho cigarro na boca, larguei. Larguei também porque o doutor falou pra mim, se você não largar de fumar você vai morrer. Aí quando ele falou que vai morrer eu fiquei com medo

Das namoradas que o senhor teve, nunca mais encontrou nenhuma?

Ah, sumiu tudo né. Eu escapuli de uma. Tinha uma tal de Alice

Não acredito

Ela já morreu. Ela pegou foi morar em Santos, aí quando chegou lá arrumou um namorado. Aí ela pegou, de tanto que gostava de mim, ela veio me perguntar se podia casar com o moço que tinha arrumado. Falei menina, nóis não namora mais, você casa com quem você quer! Aí ela pegou, foi lá em casa e deixou o moço na rua. Mas eu vi isso aí fiquei até doente viu, falei ó onde cabe você cabe ele também, que diferença que tem você com ele? É a mesma coisa. Você vai ser tratada que nem ele, nós vamos tratar dele a mesma coisa que fosse você. Ah, mas eu fiquei com medo que vocês ia achar ruim, eu peguei e desci, era um corredor onde a gente morava, o rapaz tava lá. Falei escuta, você é namorado da alice? Sou, sou eu. Falei entra pra dentro, por que não entrou junto com ela? Ela fez um costume ruim com você hein, largar você aqui na rua e ir lá. Aí ela pegou, minha mãe pegou e fez bolinho pra eles comerem, que eles gostavam muito daquele bolinho pingo d'água, sabe, que faz a massa e depois daí joga uma colher e forma uma pelota

Ah sim, sei sim

Minha mãe fez bastante e ele falou assim, esse bolinho é bom hein, bom com café! Eles comeram. Depois ela pegou e falou assim, nós vai casar. Eu falei assim, meus parabéns. Aí quando fez mais ou menos um mês que ela tinha casado ela morreu, e ela gostava de mim, era pra mim ter casado com ela, eu não casei

E por que vocês se separaram?

Ah, ela foi pra Santos, mudou pra Santos, e eu peguei e falei pra ela eu não vou morar em Santos não, ir com vocês de mudança não, eu vou ficar aqui mesmo em Ribeirão Preto. Fiquei aqui em Ribeirão aqui e de repente chegou a carta que ela tinha morrido. Coitada dela, tenho

dó dela. Era uma boa moça viu, família boa. Mas não era o destino né? O destino da gente casar não era. Aí o moço ficou viúvo e ela casou bem ela viu, casou com uma riqueza boa viu, o rapaz era rico. Mas assim mesmo, o dinheiro não vale nada mas chegou a hora vai né.

Chegou a hora vai. Aí chegou a cartinha pro senhor?

É, faleceu. Mas tá tudo bom, graças a Deus. Você vai se formar pra que? Jornalista!

É bom hein. Segue uma carreira boa, minha filha, que você é nova e tem muito campo pra correr aí, se Deus quiser

Amém, com certeza

Deus ajuda. Eu dou um bom conselho pras pessoas novas, deve estudar quem é novo né. Agora eu não, eu não aprendi nada não, mas não tem nada não. Ainda tô vivendo aí, aos trancos e barrancos eu vou levando a vida. Já farreei bastante, já diverti, dancei bastante. Agora tem que deixar pros novos também né, um pouquinho cada um

O senhor gostava de dançar?

Gostava, gostava de dançar. Nesse mundo a gente não é nada né. Eu peguei tava em Goiânia, fui daqui de Ribeirão Preto para Goiânia. Cheguei lá eu ia trabalhar de carpinteiro em uma fazenda. Cheguei em Goiânia eu tava bem vestido, com duas malas de roupa, chegou um homem pertinho de mim numa pobreza, menina, mas pobre viu. Com quatro meninos pequenos, parecia que eles não tomava banho fazia uns três dias. Eu peguei olhei bem assim, falei assim nesse mundo a gente não é nada. Ô moço, será que o senhor não podia comprar um leite pros meus filhos. Falei posso comprar. Levei na cantina, mandei ferver leite, café, dei pra ele lá, ele tomou, aí eu fiquei esperando o ônibus e esse homem não saia pertinho de mim. Eu falei esse homem quer qualquer coisa aqui. Aí ele pegou e falou assim não é vergonha não, eu vou precisar do senhor de mais uma conversa. Falei pode falar. Precisava de uma passagem, a mulher vai ficar e eu vou trabalhar na Cesarina(?), eu falei é onde eu vou ficar na Cesarina, o senhor não me paga a passagem do ônibus pra mim? Falei eu pago, paguei, era uma mixaria, era uns 16 cruzeiros. Aí eu paguei a passagem pra ele, ele pegou e falou assim vou trabalhar na fábrica de cimento, tinha 2500 homem lá trabalhando. Trabalhando não tinha mala, não tinha nada, não tinha toalha, sabonete, não tinha pasta nada, chinelinha ruim no pé, não tinha nada. Aí eu levei ele no fausto lá, tinha uma loja grande dele, comprei uma mala pro homem, comprei calça, três calças, três camisas, três cuecas, toalha, fiz uma compra pro homem. Ele pegou e falou assim não sei nem como eu vou agradecer o senhor. Falei assim, Deus agradece eu. Aí esse homem sumiu, foi embora. E ele me falou assim eu sou estudado viu, moço, sou formado, mas eu tenho uma sina pra passar na vida, é assim mesmo. Esse homem sumiu, não vi ele mais. Aí um dia eu tava doente, apitou uma caminhonete lá, buzinou na minha frente, eu tava ruim, doente, com uma febre. Aí ele pegou, buzinou e eu não dei nem bola. Ele desceu da caminhonete falou assim, ô cidadão você não me conhece? Falei não, não lhe conheço não. Ó eu sou aquele rapaz que tava com aqueles quatro meninos e você matou a fome dos meus filhos. Eu falei não é o senhor. Ele falou sou eu, não falei pro senhor que eu tinha estudo? Eu sou gerente da fábrica de cimento, gerente de 2500 homens. Falei nossa senhora, rapaz, eu to doente esperando o ônibus, acho que vou se internar, com uma febre que eu não aguentava mesmo. Aí ele falou pra mim vamos lá buscar sua mala, falei vamos. Aí ele falou eu tenho hospital aí, a mulher ta lá em Goiânia lá, só que você não vai conhecer ela mais, ela tava daquele jeito lá, nóis tava de viagem, fazia dias que a gente não tomava um banho. Bom, aí ele pegou e falou eu não vou ficar aqui não, você vai ficar na minha casa, vai no doutor lá, vai tirar exame e se precisar de internar você vai internar, tem hospital tem tudo. Aí eu fiquei bom, chamei o homem pra acertar a conta, o homem quis até brigar comigo, falou assim não tem nada que acertar, você matou a fome dos meus filhos, com as duas nós lavamos o rosto

Uma mão lava a outra

Aí ele pegou e falou assim pra mim, agora você vai ficar uns 15 dias aqui na minha casa, só que eu não tô aqui na casa, mas a casa é sua que nem fosse minha aqui, é pra você aqui. Chamou a mulher e falou, trata bem ele, deixa faltar nada pra ele aí. Olha menina, fiquei com vergonha, chamei pra acertar a conta e ele não quis não. O homem não quis acertar não. Não deixou, falou assim aqui você não deve nada, quem tá devendo sou eu. Fiquei com vergonha, fiquei. A gente nesse mundo tem que ser um pelo outro né, as duas lavam o rosto. Andei muito pelo mundo fui bem tratado também, onde eu passei deixei muita amizade boa, conhecimento bom.

Compensou?

Compensou! A gente nesse mundo não vale nada viu, minha mãe falava assim pra mim, nóis nasce perfeito e morre com defeito. Eu falei assim, ué, como assim com defeito? Ué, pega uma cadeira de rodas no fim da vida, pega e não pode mais andar, nasce perfeito e morre com defeito. E é verdade.

ENTREVISTA COM OSVALDO PEREIRA BRAGA FEITA PESSOALMENTE NO DIA 31/07/2018 , NA CASA DO VOVÔ

(A conversa se inicia com Alice falando)

Seu Osvaldo!

Por enquanto

Por enquanto por que, vai trocar de nome?

Não, por enquanto eu chamo Osvaldo, qualquer hora posso chamar Joaquim

Osvaldo do que?

Osvaldo Pereira Braga. Ela chama Mariana Conceição Tavares de Oliveira com outro marido, depois ele tirou e colocou meu sobrenome. O marido dela era peão, sabe o que é?

Peão de obra? Ou peão de cavalo?

De cavalo

O senhor tem 83 anos?

Agora dia 12 de agosto faço 83

No dia do aniversário da minha cachorra

Não vem não hein, já começou a me ofender já (risos)

O senhor é aposentado?

Sou

O que o senhor fazia?

Lá na minha cidade, em Vargem Grande do Sul, trabalhei em fábrica de enxada, trabalhei de esmirilador, soldador e marteleteiro. E trabalhei no cinema 22 anos

No cinema? O que o senhor fazia?

Passava filme, trabalhava nas máquinas

Lá na sua cidade?

Essas novelas que passam na Record aí passaram tudo na minha mão. Esses dez mandamentos, a primeira cópia foi um italiano que levou quatro anos pra fazer aquele filme. Tem uma certas cenas que aconteciam naquele filme que nessa outras cópias sumiram. Não deu a cena igual era na primeira. Porque na primeira teve a passagem do rio vermelho né, e Deus mandou Moisés ferir as águas com o cajado, o vento separou as águas e o povo da gente passou. Agora nesses outros aí não teve, falou que ia passar. Agora essa novela que tá passando ai, Terra Prometida, tinha aquela cena do mar vermelho. Agora levou quatro anos hein, quatro anos não é quatro dias não, e foi um italiano que dirigiu a produção, ele chamava CSM Deviller (?). Também, passei tanto filme na vida. Eu quando vim pra cá trouxe uma carteirinha assim cheia de nome de filme, depois nós mudamos sumiu a carteira.

Quando o senhor veio pra cá?

Eu vim no dia 5 de maio de 1974

O que o senhor veio fazer?

Eu vim pra cá uai, a sobrinhada dela aí queria trazer nós pra cá, daí veio pra cá. Chegou aqui o primeiro serviço meu foi o cinema. Hoje é Cine Cauim, Cine Bristol. Trabalhei no Cine Bristol, trabalhei na Chaim Cury (?), no Adriano Coselli

Onde mais o senhor trabalhou aqui?

Bom, trabalhei no cinema, trabalhei no Chaim, trabalhei no Adriano Coselli, trabalhei no prédio ali em frente a Prefeitura no Palácio do Comércio, trabalhei ali de porteiro, trabalhei de porteiro no prédio em frente a Pernambucanas, trabalhei la no Val Paraíso no Iguatemi, trabalhei no Bragheto Leão, o asfalto lá foi eu que ajudei a fazer

Trabalhou hein?

E bem trabalhado. Trabalhei também de vigilante, fui ameaçado de morte três vezes. 15 de dezembro de 96 fiquei 40 minutos com um 38 na cabeça.

Nossa, não era nem nascida! Nasci em 98

Pensei que você já era madura. Então, fiquei 40 minutos com um pau de fogo na cabeça, mas não tinha medo.

Eles queriam roubar?

Queria roubar meu revólver, que eu dava bala também. Só que eu não mexi no revólver não O senhor trabalhava como vigilante nessa época?

Vigilante, o último serviço meu foi vigilante. Eu fiz o pedido da aposentadoria de 30 anos, o (?) não concordou não. Eu tinha 28 anos e 8 municipal. Daí como eu trabalhei com solda, com fogo, essas coisas, agora não tem mais porque a Dilma cortou, eu tinha direito de insalubridade especial. Então o advogado deu 28 anos e 8 meses pago e ele fez as contas do que eu tinha direito e deu 32 anos. Daí o nps (?) não concordou. Aí ele falou, vamos entrar na Justiça? Falei o senhor é que manda, o documento estão na sua mão. Ele entrou na Justiça e eu ganhei a parada

Tá aposentado?

Graças a Deus

Faz tempo?

Faz, aposentei acho que em 2005. Eu tenho a proteção da Justiça. Porque eu tive com o juiz lá, vou te falar uma coisa, lá na minha cidade eu peguei três testemunhas e mais duas aqui, só que no dia foi uma só, mas essa uma que foi, uma palavrinha a mais que ele falou, coisa que eu nem pensava, ele falou pro juiz assim: o seu Osvaldo é um funcionário, nós trabalhamos juntos 5 anos, eu não vi esse homem perder um dia de serviço, não vi ele chegar um minuto atrasado, ele às vezes chega meia hora uma hora adiantado. Depois outra que nós só trabalha em firma, às vezes o patrão manda ele trabalhar em casas particular, ele nunca renegou. O juiz bateu a mão nas minhas costas e falou, seu Oswaldo, pode ir embora sossegado, daqui quatro dias cê recebe a aposentadoria

Deu certo?

Só que o advogado me puxou um pouco, ele tinha que cobrar 4 mil reais de honorários né, ele cobrou 8. Mas assim mesmo eu peguei, teve acho que 10 mil reais

Nossa...

Mas deu pra eu pagar as continhas, mas falaram pra eu levar ele no pau, foram atrás de mim lá em casa, morava aqui nos Campos Elíseos, na Major de Carvalho. Falaram seu Oswaldo, vai atrás do juiz, ele não pode fazer isso aí não, isso é roubo, vai lá que você põe ele na cadeia. Falei não, não vou não. Mas por que, seu Oswaldo? Agora vocês prestam bem atenção, eu vou lá, entrego ele pro juiz, o juiz manda engarrafar ele, manda pra cadeia. Lá ele arruma um bandido lá, dá minha estatura, minha "filosomia" (fisionomia), eu levo um tiro nas costas aí sem ver. Vou perder a vida por causa de 4 mil reais? Não, prefiro perder 4 mil do que a vida.

Por isso que eu falo procê, pra te ajudar filha, ninguém te ajuda não, mas pra pôr você no fogo tem.

Sempre tem

Porque quando eu fiquei 40 minutos com o revólver na cabeça aqui na rua André Rebouças, pouquinha coisa que eu falei pro bandido, perguntei pra ele assim: fulano, me veio na minha mente, quantos anos você tem? Tenho tanto. Pra você ver como é que é né, pela sua idade perto da minha, eu não to fazendo nada procê e você fazendo essa palhaçada comigo. De tudo isso, xará, chamei de cidadão ainda, pela sua idade perto da minha eu te considero você como meu filho mais velho. Quando falei isso ele abaixou o revólver, enfiou o revólver no bolso, bateu a mão nas minhas costas e falou: tio, já vi que o senhor é homem direito, homem honesto, pode ficar com tudo o que o senhor tem que eu não quero nada, porque eu vou falar uma coisa pro senhor, tio, nem do meu pai eu ouvi uma palavra tão boa dessa, essa palavra me derrubou. Então é o que eu to te falando, daí ele saiu ali da praça do Ipiranga, o nosso uniforme era azul né, encheu de paço preto na porta lá, tudo pra chamar a Polícia. Falou vai, chama a Polícia, tá vermelho onde ele cutucou com o revólver. Falei ó, tá vermelho, cutucou mas não furou né. Falei não vou chamar. Se você não chama eu chamo. Falei ó, aqui do portão pra dentro o patrão falou que quem manda é eu. Aqui vocês não entra não, se vocês entrar entrego tudo pro patrão. Aí eles disseram, mas por que? Falei, presta atenção, na cabeça não é só pra usar boné não. A nossa cabeça é pra usar tudo viu, faz três dias que ele saiu da cadeia, ele veio aqui e falou ó, querendo me arrancar a vida né, agora eu chamo a Polícia, dou a estatura dele, a filosomia, eles vai lá e engarrafa ele. O que vai acontecer? O dia que ele sair ele vai falar, foi aquele velho que me caguetou. Passa em mim e dá um tiro de travessão

Aí sim né

Dá um tiro sem eu esperar, falei não, deixa pra lá. Depois teve um outro também, eu trabalhava lá, eu trabalhei de porteiro também ali na Camilo de Matos, trabalhei num alojamento. Ali que foi ruim também hein filha, eu sei que esse negócio de segurança eu sofri viu, sofri, mas sofri amargamente. Passei momentos de tristeza, de tanta humilhação. Tomava conta de um alojamento, num jogo do Brasil de 94, era tudo pingaiado, tudo desses louco de sertão, essa gente é tudo louca né, porque passou do Brasil pra frente é tudo louco. Eu vou falar uma coisa pra você filha, eu tô aposentado mas eu já sofri na vida. Já passei meus momentos de amargura

Eu imagino

Sofri muito. Teve uma época que eu trabalhava lá na Poplândia (?), lá na rua Abílio Sampaio, eu fui tomar conta de andar na beira do rio, um frio danado, 12 hora andando na beira do rio. Um frio que o chefe lá me deu uma capa, uma capa boiadeira, deu uma lanterna da boca desse tamanho, me deu uma carabina pra eu carregar ela. Eu fiz aquilo ali mais ou menos dois meses. Aí que eu pensei bem falei, ah não, vou dar um jeito de arrumar outro. De fato eu arrumei mesmo. Tanto que eu falo, já enfrentei boca quente, já tive em lugar, filha, que você escutava o cara dar tiro lá e a bala caía em cima do telhado. Não esquenta a cabeça não. Já sofri. Agora que tô aqui, fiquei sem a véia, minha família já foi tudo, perdi oito, nós somos em oito irmão. De oito só eu sobrou. Foi tudo embora

Nossa, o único?

É. Agora eu vou te falar uma coisa, eu conformo com a morte. Agora a morte do meu pai eu não me conformo não

Do seu pai?

É, meu pai morreu matado. Foi assassinado dentro de um açude, morreu com 33 anos, morreu novo

E o senhor era pequeno?

Tinha oito anos. Quando eu falo dele parece que eu vejo ele ensanguentado do jeito que eu vi na beira do açude

O senhor viu?

Ah é, fomos lá ver, o sogro do assassino foi avisar em casa que ele tava machucado. Ele era administrador da fazenda

Nossa, 33 anos

Minha mãe, tadinha, sofreu pra criar nós

Então, sozinha

Depois teve três irmão, dois irmão e uma irmã, pôs na cabeça de ir pra São Paulo. Falei não, não vou largar minha mãe sozinha. Fiquei com ela, bem dizer, até o fim. Nunca larguei ela, nunca abandonei. Eles foram pra São Paulo. Falaram, vamos embora pra São Paulo. Falei não.

Depois outra, quem levou minha mãe embora foi o bicho barbeiro. Conhece?

Doença de Chagas?

É, sofreu 18 anos

Nossa

Depois juntei com a Mariana, ficamos amigados 14 anos

Quando o senhor conheceu ela?

Conheci lá na minha cidade

Ah, lá em Vargem Grande

É, conheci ela no centro espírita. Fui presidente do centro espírita 18 anos. Já fiz macumba, já fui católico, já fui macumbeiro, já fui da umbanda, já fui do saravá e assumi o espiritismo 18 anos

E agora o senhor é o que?

Agora sou crente

Passou por todas, né

Tô mais repassado que cavalho velho. Aí na congregação eu batizei em 79

Aí o senhor conheceu ela no centro?

É, então, na minha casa, eu fazia trabalho na minha casa. Namorei com ela, vamos dizer, 14 anos. Aí vim pra São Paulo, casei aqui, casei no dia 13 de outubro de 1978. E minha mãe morreu no dia 18

Nossa, deu tempo de ela ir no casamento?

Deu tempo? Não, ela não veio não

Mas aí o senhor veio pra cá e sua mãe ficou lá?

Ó, vim pra cá em 74, em 78 eu batizei. Porque ela tinha uma sobrinha que ia lá em casa e falava, tia, vamos pra igreja. Tanto teimou que acabamos indo pra igreja. Ela acabou gostando, eu acabei gostando, assim foi... só na limpeza eu trabalhei 16 anos. E olhei os carros 2 anos. Só que eu cobrava né, 2 reais por carro, porque ali, você sabe onde tem aquele varejão né, ali na rua São Paulo

Qual?

Na rua São Paulo. Aquele terreno que tinha no varejão a congregação comprou, 400 mil reais. A única igreja que tem prédio próprio é a congregação. Tem 32 igrejas.

E aí vocês namoraram então 14 anos

Vim pra cá, nós casamos aqui.

Teve filho?

Não

Nenhum?

O primeiro marido dela deu remédio pra ela não criar família.

Ela ficou muito tempo com o outro marido?

Acho que foi 19 anos. Eu fiquei 52. Ele deu casco de mula pra ela tomar

O que?

Casco de mula

É remédio? Não pode engravidar?

É uai, mulher tomou casca de mula, filha, é de uma vez por todas. Aqui tinha uma faxineira que interessou na receita, queria que a veia ensinasse pra ela dar pra filha. Falei pra ela, não ensina não, de repente dá uma zebra, você vai se danar, deixa quieto. Cada um no seu lugar Então ficaram 52 anos casados?

14 amigado e o resto casado né. Já foi tudo junto.

E ela faleceu quando?

Nós veio pra cá no dia 6 de março de 2015 e ela faleceu no dia 14 de maio, dia 14 ela foi sepultada

O que aconteceu?

Ela tava, ela tinha um problema... quem descobriu a doença foi uma médica aí do pronto socorro, tava com câncer no útero. Ela começou a emagrecer, começou a ficar meio lelé da cabeça. Mas essa mulher foi brava, filha, essa foi

É?

Essa aí não comia nada amanhecido não

Pegava no seu pé?

Vixe, quantas bordoadas que ela me deu na cabeça

Acha?!

Lá onde eu morei nos Campos Elíseos duas vezes ela pegou a faca pra cortar meu pescoço Não acredito

Me dava chinelada no rosto, eu vivia com o rosto tudo riscado de chinelada dela e falava pros outros que eu arranhei no anel. Pode falar a verdade que você me bateu, não fica escondendo não

Por que ela te batia?

Qualquer coisinha ela avançava mesmo.

Qualquer coisinha?

Teve um dia que eu tava sentado na porta lá nos Campos Elíseos, não sei quem... ei tosse... não sei o que que eu falei pra ela, do jeito que eu tava lá, ela voou em mim. Me derrubou da cadeira e molhou a cabeça na porta, cortou assim, pegaram e levaram ela pro pronto socorro fazer curativo. Quebrou cinco vidros da porta, ela voava mesmo, desafiou o delegado da cidade.

Meu Deus!

É, ela foi lá reclamar, não sei o que o delegado falou, mas falou das Polícias, ele falou ó dona, não fica metendo a nega nas minhas polícias senão te meto na cadeia. Ela até falou bobagem. Ela falou pro delegado, não precisa por na cadeia não, com o perdão da palavra, abre essa merda que eu entro lá dentro.

Nossa, ela era brava então

Raça bugre. Você sabe que bugre é índio selvagem, aí era perigosa, não tinha tempo ruim não. Aqui, tem uma mulher, até já morreu, (?) aqui. A mulherzinha tava sentada no canto do sofá, ela sentou assim, eu sentei de cá. A Mariana vinha encostando no lado da mulher, a mulher pegou e deu um beliscão nela. Pra quê, ela só afastou pra trás e meteu a mão na cara da mulher. Carcou o inhame mesmo, falou vai lá chamar o chefe que ele apanha também. Foi lá chamar? Não foi chamar. Ela dava pancada mesmo. Você sabe que a nossa comida aqui não tem paladar

Não?

Essa comida não tem gosto. Uma comida insossa. Ela bem dizer morreu de fome, o estômago dela não aceitava comida. Ela me batia por causa da comida. Eu falava, o Mar, come mais um pouquinho, você ta emagrecendo. Sabe o que ela falava? Some daqui, homem maldito. Vai pro inferno! Sua mãe não te deu educação? E metia o cacete. Batia com essa bengala aqui ó. Eu ando com a bengala porque lá na casa que eu morei eu machuquei a coluna. Esse andador

que eu tô aí foi a Ana que me deu, que eu tinha um de arrastar né, então apareceu esse e ela me deu.

É, o que o senhor fez hoje?

Tô treinando computador

Ah, o senhor tá fazendo a aula?

Tem o professor, ele vem terça e sexta dar aula pra nós

É diferente né?

É, eu gosto muito de mexer no quebra-cabeça, tem um quebra-cabeça do mata mosquito, gosto de fazer aquilo lá.

O senhor fuma?

Fumo, mas o médico mandou cortar. Eu faço fisioterapia também, de segunda, quarta e sexta, ele me deixa aqui pra ficar com a perna pra cima. Eu faço um exercício aqui, ele quer que vai puxando assim... Você quer que eu te falo uma coisa, quando eu era jovem, no tempo da minha, no tempo de criança, eu punha os dois pés no pescoço, agora eu não faço mais.

Seus irmãos eram mais novos ou mais velhos?

O mais velho já morreu, eu sou o segundo mais velho. Tem o Moacir com 65, eu agora com 83, já era pra ele ter mais, morreu com 65. E o do meio morreu com 54. O outro que era irmão de criação morreu com 51.

O que aconteceu?

Olha, sei lá, esse meu irmão que era de criação bebia muito, acho que foi a pinga que matou Vocês eram em oito?

Os primeiros mesmo eu não conheci, nem pensava em vir pra cá, os dois primeiros chamavam Moacir e Maurílio, depois teve a Jandira, ela eu conheci, era uma menina bonita. Sabe o que eles falam que aconteceu com essa minha irmãzinha? Minha mãe viu o vizinho correr atrás da mulher com a faca, ela viu aquela cena ali e ela pediu a Deus que se fosse pra filha dela casar e ter um destino igual aquele ali, então que ele levasse ela. Ela ficava mais contente em ver a filha dela no caixão do que ver ela correndo do marido. Ele levou ela... a menina caiu doente. Ainda falei pra ela, é, mãe, seu pedido foi cumprido.

O senhor sente falta deles? De todos

Eu sinto muita falta do meu pai, sinto falta dele porque lá na fazenda, quando ele ia olhar os camaradas no cafezal, eu ia com ele, então eu ganhei um chapéu desse tamanho, esses dias eu coloquei ele, me chamaram de boiadeiro. Eu saía com ele nas arrolhas. Eu punha o chapéu e acompanhava ele, durante o tempo que ele tava na lavoura eu tava com ele. Ele falava, filho, senta em volta do pé de café que eu vou ver o pessoal. Eu sentava e ficava chupando o café. O que eu acho falta também é aquele coquinho e macaúva. Lá tinha uma carreira de macaúva e uma carreira de coquinho. Até tinha um casal, esse rapaz chamava Roque e ela chamava Angela. Tudo os dois eram farinha do mesmo saco. Ela chegava embaixo do coqueiro e falava, cai coquinho, cai coquinho, um pra mim e um pro Roque. Agradeço a Deus, mandou os dois coquinhos. E ela era muda, então ele entendia o que ela falava pelo gesto.

Vou pedir um favor pro senhor

Se estiver ao meu alcance

O senhor vai fazer uma poesia pra mim

Não agora

Não, eu vou voltar

Eu não faço assim direto, começa a me dar sono

Mas quando o senhor tiver um tempinho, quando quiser...

É, pra fazer isso aí eu tenho que fazendo os versos... eu escrevo no papel. Que nem eu fiz uma da lavanderia aí, até pensei que ela ia me bater, foi quando eu entrei aqui. Falei, dona Rose, fiz uma poesia pra senhora. "Dona Rose, dona Rose, eu te amo loucamente. Eu não sou daqui, sou da cidade de Presidente Prudente. Meu pai é tenente, quando ele vê que a coisa tá

quente, ele joga tudo pela frente. Dona Rose, eu te amo loucamente, quem desrespeitar a senhora eu arrebento os dentes". Ela pegou e me abraçou. Falei só você mesmo. Agora tem uma das velhas também. "A vovozada sai de madrugada pra não pagar as conta atrasada, depois eles munta na vaca braba, vai lá pra Uberaba. Lá eles tem uma recepção danada, recebidas pela delegada, porque roubaram um pacote de goiabada. Quando eles voltaram, não trouxeram nada, bastou chegar aqui pra perna curta tá quebrada".

O senhor brinca com todo mundo então?

Não, tem uns aí que nem conversar eu converso. Faz três anos que eu tô aqui e são poucos que eu puxo conversa.

Como que o senhor veio pra cá?

Eu vim pra cá por motivos de força maior, ela ainda tava comigo. Eu morei aqui nos Campos Elíseos 18 anos, ali na Major de Carvalho. Teve um cara que comprou a casa e nós viemos atrás de casa pra nós e achamos o rapaz que tava primeiro não deu certo. Ele ofereceu 2 mil reais pra eu sair da casa, ele não deu os 2 mil reais, ele só ofereceu. Entramos na Justiça e jogou nossa mudança na rua. E tava duas sobrinhas discutindo de arrumar outra casa pra nós e chegou o juiz, ele falou não, não precisa discutir pra achar uma casa pro casal porque na idade que eles tão a lei não aceita mais alugar casa e nem fazer crediário, mas eu não vou deixar o casal na rua não. A mudança foi jogada na rua. Eu vou levar ele pra um lugar e trouxeram nós pra cá

E sua casa?

A casa não era minha

ENTREVISTA COM EDGARD ALVES DA SILVA FEITA PESSOALMENTE NO DIA 31/07/2018 , NA CASA DO VOVÔ

(A conversa se inicia com Edgard falando)

Como é seu nome, seu Edgard?

É Edgard Alves da Silva

74 anos?

74 anos

O senhor é daqui?

Sou de São Joaquim da Barra, terra da Ana Maria Braga, estudou comigo ela no ginásio

O senhor é aposentado?

Sou

E como o senhor veio pra Ribeirão?

Minha história é o seguinte: eu vim pra Ribeirão, de lá eu morei em São Joaquim, e lá morava um sócio da viação São Bento, o José Alves, eu era já moleque, rapazinho, e mexia parte elétrica dos carros, de ônibus sabe? Já entendia. Ele pegou e achou melhor trazer eu pra trabalhar na empresa dele aqui e eu vim pra cá

Quantos anos, o senhor lembra?

Ah, 20 e poucos anos

E aí aqui o senhor conheceu sua ex-esposa?

Não, nesse intervalo eu tava em São Joaquim da Barra. Porque eu vim pra cá e eu ia muito pra lá, minha mãe morava lá, aí depois de um tempo conheci uma menina lá que chama Fátima, ela morava com o irmão dela porque a mãe tinha morrido, a mãe e o pai era do tempo da ferrovia, conheci ela e nós foi namorando, nós casamos

Namorou muito?

Um ano e pouco, quase dois. Casei cedo, com 33 anos.

E aí ficaram casados quanto tempo?

Fiquei casado 8 anos. Aí tive o primeiro filho meu lá em São Joaquim

São dois homens?

Não, a mulher nasceu aqui, ela trabalhava la no savegnago, saiu de lá, Juliana. O outro chama Julio Cesar, o moleque nasceu lá, foi no meu casamento.

Ele já era nascido?

Tinha uns dois aninhos já, tava de colo

Então ela engravidou antes de casar?

É. Aí ficamos por lá, ela não tava aqui ainda, ela tinha saído. Comecei a trabalhar com carro lá e tal, pegava uma coisinha aqui e outra ali. Aí comecei a viajar com peça de automóvel, ia muito pro Paraná

Viajava bastante?

Aí eu larguei, depois eu voltei e fui pra São Bento. Aí o seu Zé falou, você vai ficar com nós em Ribeirão. Aí no almoço eu ia na minha casa, minha mãe era viva, tinha ela e minha sobrinha que nós criava, nós criamos três sobrinhas minhas, morreu minha irmã e foram morar com nós. Aí de vez em quando minha sobrinha levava comida lá no ônibus pra mim

Mas o senhor só mexia com peças ou dirigia também?

Dirigia, ônibus eu sabia dirigir mas não dirigia

O senhor estudou?

Fiz até a quarta série

E depois não fez faculdade?

A Ana estudou junto comigo, a Ana Maria Braga. A família é muito conhecida em São Joaquim, lá tem os artistas lá, o Rolando Boldrin, não saía da minha casa, ele que fazia o programa no futura, meu irmão tocava violão, ele foi pra São Paulo, voltou e ficou com minha mãe. Aí o Rolando conheceu ele e começaram a ir lá em casa, tocar violão, cantando, foi pegando amizade

O senhor tem irmão então

Tenho, o Osmar, o José de Alencar, técnico de carro, tem o Geraldo, dois moravam aqui mas já faleceu, e o Antonio que também já faleceu, jogou muito tempo no Botafogo, deu um problema no joelho, o dr. operou o joelho dele mas não ficou bom.

Então vocês eram em cinco irmãos?

Cinco, vivos tem o Osmar e o José de Alencar

E o senhor jogava bola?

Joguei futebol na várzea, joguei aqui em Ribeirão na São Bento a gente tinha futebol de salão, cheguei a jogar contra o Sócrates aí na Vila Tibério, o Raí... mais perto de São Joaquim. Agora aqui que eu joguei com o Sócrates foi no Botafogo

Foi contra ele?

É, era um time que tinha aí da viação, nosso time era bom, nós teve um problema e aposentamos... Jogamos contra o Raí, contra o Sócrates

Ganharam?

Perdemos... Tinha o irmão dele também, jogava basquete, moleque de 14 ou 15 anos Aí depois o senhor parou de jogar

Parei, porque aí minha mãe falou pra mim, filho para com isso, você não vai virar jogador. Falei, como é que a senhora sabe? Eu machucava muito sabe...

Mas machucava sério?

Ah, machucava... o tornozelo então... aí depois vim pra Ribeirão. Fui trabalhar... Aí quando eu saí da viação, eles pegou e foi atrás de mim, eu trabalhei no Amarelão (?) uma firma muito grande de autoelétrica. Muito conhecido, lá na Francisco Junqueira. Trabalhei lá e tal, aí conheci o João Vitaliano, conheço muita gente... Dr. Mauro que era presidente da Cohab. Aí o João Vitaliano tava arrumando um caminhão dele lá, que era rodoviário né, lá no Amarelão, peguei amizade e tal, falei que eu precisava mudar porque tava morando em uma casa alugada, tava comentando com ele lá e o João Bim, era vereador, o pai dele era presidente da

Câmara, e ele era muito amigo do Mauro. Ele falou, vou falar com o Mauro e ele vai te dar uma casa na Cohab. Eu falei, te agradeço, Deus te ajude. Aí pegou, saiu o Simione lá né, ele arrumou uma casa pra mim na avenida

Aí o senhor foi morar lá?

Fui, eu e a mulher minha. Era casado ainda. Aí a minha mulher já tinha uma casa quando nós casou lá em Tambaú, mas aí teve uma desapropriação, ela precisou vender lá, pegamos o dinheiro da casa e fomos vivendo aqui. Aí meu filho nasceu lá em São Joaquim, nasceu a menina minha, fomos levando a vida como Deus queria

Aí vocês divorciaram?

É, sabe o que acontece, ela era muito autoritária. Depois que as coisas foram melhorando ela foi ficando mais impossível, e lá em casa ela não trabalhava, trabalhava só em casa. Falei Cida, não vai dar pra nós continuar porque eu tô perdendo a cabeça com você. Aí começou o Carrefour sabe, a pessoa tinha uma lanchonete grande lá, ela queria trabalhar, falei não vai não, tem o moleque pra olhar... ela falou, vou sim, teimosa. Foi. Ela começou a beber com as amigas lá, gosta até hoje de beber. Ela fez aquele negócio no intestino pra emagrecer e ela voltou a beber. Hoje ela trabalha, tem o carro dela, vem visitar ela e o marido dela.

O senhor casou de novo?

Eu não, morei 20 anos com essa e não casei. Podia ter casado com ela, mas não casei não... essa mora com a mãe dela lá na casa perto da USP, de Cohab, toma conta da mãe que tem labirintite. Eu pedi pra irmã dela, daí ela tava morando lá, chamei a irmã dela no particular, falei Fátima, vamos fazer uma casa de repouso pra mim, onde eu possa ficar, não vai dar certo comigo, ela já cuida da mãe. E eu sou um cara que faço as coisas sozinho, vou ao banheiro, tomo banho, tenho minhas dificuldades mas vou. Aí ela falou, você é aposentado? Falei sou. Então, vou levar o senhor lá pra minha casa. Ela é amasiada, amasiou com o diretor esportivo do Comercial, tinha umas dez padarias aqui em Ribeirão. Aí ele falou, traz o Edgar aqui pra casa, nós vamos arrumar um lugar pra ele. Aí eu fiquei lá um mês mais ou menos, aí a Fátima conversou com o promotor, que passou pro juiz e arrumou um lugar aqui pra mim, falou vai que lá nessa casa vão aceitar você. Aí arrumou, eu vim pra cá

Faz quanto tempo?

Faz cinco anos, eu vim em 2013... a história minha é uma novela né, Alice É! E aí o que o senhor teve na perna?

Aí eu montei uma oficina na Francisco Junqueira de eletricidade de automóvel, tava indo bem, tudo... depois dali eu saí e fui lá pra Vila Virgínia, aí eu montei lá na rua João Guião, tava bem, sô. Muito serviço, carro, caminhão, peguei muito serviço na USP lá dos médicos. Eles passavam, levavam pra mim, eu arrumava e levava o carro pra eles, peguei uma amizadona. Aí fui ficando, ficando... de manhã na minha oficina, eu trabalhava sozinho, era umas oito horas, eu tava varrendo a oficina, a minha ex-mulher foi lá, ela ia lá de carro... ela gosta de mim até hoje, eu fui muito bom, acho que eu fui muito legal com ela, não esquece. Aí ela chegou lá e falou, Edgar, sua boca tá torta, vai olhar no espelho. Eu pensei que ela tava tirando sarro de mim, nem olhei, entrei pra dentro... aí ela falou arruma um telefone pra você, porque me roubaram uma semana lá na oficina. Aí eu falei pra minha mulher, vou posar lá de sábado pra domingo pra eles não me roubar mais e fui. Roubaram a bicicleta minha novinha, que eu gostava de andar com ela, roubaram dois carros, precisei pagar. Aí comecei a posar, deixei o telefone lá, quando foi duas horas da manhã, eu dormia sempre tarde, ficava assistindo o Corujão, deitei. Quando foi quatro horas da manhã deu vontade de ir no banheiro, quando eu coloquei o pé no chão, o pé não firmou mais. Eu puis a mão pra firmar na cama, também não firmou. Falei uai, deu um trem qualquer em mim e eu não vi. Tinha dado o AVC. Ia dar mesmo

A boca torta era o aviso

Era. Aí telefonei pra ela, ela falou tava sabendo que você não ia ficar bem. Mulher conhece as coisas, né? Quando mulher fala, pode escrever... mulher e mãe é desse jeito mesmo. Se eu tivesse acreditado nela, aí ela falou vamos aí no postinho da Vila Virgínia, você tem cartão. Puseram eu deitado na cama lá, no outro dia que arrumaram um hospital pra mim, fiquei deitado das 6h até às 8h do outro dia, do domingo, sábado e domingo deu. Peguei uns médicos novos, acho que não tinha muito entendimento, se tivesse me levado pras clínicas dava tempo de não ficar nem com sequela. Aí quando era 8h da manhã saiu uma vaga lá na Beneficência, levaram eu pra lá, fiquei uns 15 dias, aí minha ex-mulher, eu não falei pra minha mulher, falou conversei com o Mauro e ele falou pra trazer você pra minha casa na Vila Tibério, que é grande. Aí eu fui pra lá, a outra ficou doida. Tava fazendo fisioterapia na Santa Casa, de lá eu saí e fui pra casa da minha ex. A outra pegou e falou, você não pode ficar aí, tem que ficar aqui comigo. A outra chama Joana D'arc, guerreira, toda mulher minha é trabalhadeira, graças a Deus, eu que era muito galinha, sabe? Era meio invocado, cabelão grande, corrente no pescoço

O senhor tinha cabelão?

Tinha, andava de carro, tinha carro, moto, as mulheres caia em cima e eu não negava nada, lógico né

Aí a atual ficou brava que você ia pra casa da ex-mulher?

É, eu peguei e fui pra casa da minha filha, a Juliana, na Vila Tibério. Lá eu contratei uma fisioterapeuta que ia duas vezes por semana, melhorei um pouco, podia sentar sabe.

O senhor chegou a casar com a Joana?

Não, solteiro. Estamos juntos há 20 anos

Tem alguma coisa que marcou o senhor?

Olha, falar a verdade, tenho muita saudade da minha adolescência, porque eu fazia de tudo, ninguém implicava comigo, tinha liberdade. Fazia até serenata lá em São Joaquim pras meninas. Meu irmão tocava violão e cantava e eu também aprendi umas músicas e comecei a cantar com eles. Aqui, eu compro sempre o Hipercap, se eu ganhar o dinheiro vou dar pros meus filhos comprar casa e ficar com as crianças.

O senhor tem quantos netos?

Tem três com ele, dois com minha filha... são cinco netos

Eles são pequenos?

É, o Gabriel, moleque, só tenho um neto homem. Menina tem quatro, três com meu filho e uma com minha filha. Elas gostam de mim pra caramba. Se eu ganhar mais de 100 mil vou aplicar na poupança. Eu sou muito econômico.

E a sua oficina que o senhor tinha?

Aí eu mandei meu filho pegar tudo, entregar o prédio pro homem. Fechei, porque não tinha condição de trabalhar. Meu filho sabia, mas não quis deixar com ele, porque era cliente amigo, pagava quando podia.

Entendi. O senhor falou da sua juventude, o que mais fazia?

Lá em São Joaquim da Barra tinha um coreto e tinha um fut, sabe? Sabe o que é? As meninas ficam andando assim, passando perto da gente, dando bola e nós olhando e mexendo com elas, até arrumar uma.

Aí você cantava e seu irmão tocava?

É, pra mim eles falavam assim, vocês não vão fazer serenata hoje, Edgar? Eu era mais sério, gostava de uma cerveja, de um jogo

O que o senhor jogava?

Futebol, bocha, fui até campeão lá no Ipanema, até o diretor lá é amigo meu. Jogava baralho, ficava até de madrugada na casa dos amigos jogando, jogava dinheiro ainda. Minha mãe ficava brava...

Sua mãe morreu de que?

Ela teve um desmaio de pressão, sabe... foi internada, até quando ela morreu eu tava em Cornélio Procópio, vendendo peças... eu andei o mundo inteiro. Aí o médico tava tratando do coração dela e ela não tinha nada, morreu de pneumonia.

Nova?

Morreu com 60 e poucos... em menos de dois meses, eu perdi três na minha casa. Meu irmão, minha mãe e meu pai

Do que o seu pai morreu?

Ele bebia muito, era um alcoólatra.

E o irmão?

O irmão bebia também, mas trabalhava muito viu... deu cirrose. Em um mês foi um, no outro mês foi dois de uma vez. É, a vida da gente é dura né... não é nada como a gente quer. Só Ele que manda, só Deus mesmo. Eu sou católico, na verdade, eu analiso o seguinte que não encaixa na minha cabeça... eles falam que pra morrer tem um dia, eu acho que não tem um dia pra morrer, você pega uma excursão, o ônibus bate, morre 30 40, aqueles 40 tava no dia de morrer? Será possível? É um caso a pensar...

O que o senhor gosta de fazer?

Aqui eu não tenho muita opção, fico mais na televisão, conheço tudo, gosto muito. Fico até 2h30, 3h da manhã assistindo TV. Acompanho tudo, teve luta de boxe, eu fiquei acordado. não perco um jogo

Que time o senhor torce?

São são-paulino, gostava do Dagoberto... eu vejo TV, ouço rádio... ouço o André na Clube, a mulher deve trabalhou aqui. Tenho três rádios. Eu tenho uma câimbra na perna... é duro querer levantar e não conseguir viu, as meninas dá banho em mim, porque eu já caí, fui até pro hospital tirar raio-x. Se der vontade de ir no banheiro, sem bengala eu não vou. Venho de cadeira, tiro cada fina desses vasos aqui...Esse senhor aí ele me pega no quarto todo dia, gosta muito de perfume sabe...Aqui tem uma porção de gente que vem aqui e gosta de nós, o seu Manoel vem e faz questão de dar um café bom pra nós, manda trazer bolo, pastel

Ainda bem né, que tem gente que vem. Qual foi o ano do seu AVC?

Foi 2013, uns cinco anos já

O senhor tem mais alguma coisa pra me contar?

Tem das namoradas minha...

Teve muitas?

É, fui muito galinha demais... minhas mulher perdoou tudo, são muito boas demais Mas o senhor namorou enquanto tava casado?

É. Eu era bom de moça, na oficina arrumava 3 carros por dia, ganhava 300 reais, andava sempre de bolso cheio, então as meninas vinha e batia lá... perguntava se eu não ia levar elas no forró, levava e custeava elas lá ainda. Mas tudo no respeito, sabe, elas me davam uns beijinhos em mim, mas tudo no respeito... as mães deixavam. É tão bom ajudar os outros né?! A gente fica feliz, sabe, de poder fazer alguma coisa. Eu prefiro fazer do que receber Eu também! É mais gratificante

ENTREVISTA COM GETRO PEREIRA BARBOSA FEITA PESSOALMENTE NO DIA 02/08/2018, NA CASA DO VOVÔ

(A conversa se inicia com Getro falando)

Eu tinha até esquecido de você, lembrei cedo, lembrei ontem a noite... mas agora nesse momento eu tava ligado na Bíblia e esqueci

Não acredito! Mas é rapidinho também

É, depois eu termino a oração, até na hora do almoço da tempo

Seu Getro, qual é seu sobrenome?

É Pereira Barbosa

O senhor tem quantos anos?

70 completinhos, fiz agora em maio

O senhor é aposentado?

Sou, graças a Deus! Senão não tava aqui, aqui só pega aposentado e pessoa que não tem família, não tem condição... mas de preferência aposentado

Pra conseguir manter né. O senhor fazia o que?

Eu tinha uma loja de confecção de bolsas, era comerciante.

Onde, no Centro?

Tive na Saudade, na Dom Pedro e na Martinico Prado

Nossa, bastante!

É, mas foi tudo embora. Desobediência a Deus, foi tudo embora. A mulherada bagunça, festa, churrasco, tumulto... e Deus me chamava pra vir pra obra dele, eu falava não, eu tô bem, eu tenho as coisas, pra que vou querer ouvir a Deus? Minha família próxima, meus filhos estudando, filho formando... mas sempre na bagunça. Aí Deus começou a tirar as coisas de mim né

O senhor é daqui?

Sou da Bahia, de Jequié, sul da Bahia, perto de Vitória da Conquista

Ah, sei, agora sei...

Cidade grande até

E aí o que o senhor veio fazer aqui?

Eu vim com minha família, meu pai que andou até morrer. Conheço quase todo o Brasil devido ao meu pai, ele andava pra caramba, era tipo cigano, sabe? Mas tinha uma sorte, um buraco pra ganhar dinheiro enorme, mas pra sair o dinheiro e perder tudo era mais fácil ainda. Meu pai tinha sorte danada, ele chegava no lugar quebrado, com sete filhos, sem nada e logo começava a trabalhar nas feiras, em carreta... o que ele estivesse fazendo Deus prosperava ele. E prosperava toda a família. E crescia, crescia, crescia... ficava bem na cidade, construía casa, terreno, tudo... vendia tudo e ia embora. Mas não chegava e, você mulher dele, chegava e falava vamos mudar, assim assim... Não, chegava com um caminhão na porta de casa e falava, vamos pra tal lugar. E as crianças? Não tem importância, estuda lá, desse jeito...

E aí o senhor passou por quantas cidades, tem noção?

Ah... eu tenho noção dos estados, das cidades não. Morei na Bahia, depois fui pra Minas, depois Espírito Santo, viemos pra Goiás, viemos pra São Paulo, fomos pro Paraná, aí voltamos pra Ribeirão Preto e aqui ficamos. Chegou aqui a criançada já tinha tudo 12, minhas irmãs 18, 19 anos... minha mãe pois o pé na parede e disse, vamos ficar aqui agora. Meu pai já tinha comprado dois terrenos no Sumarezinho, mas não tinha falado nada pra ela não. Deixou os terrenos tudo aí, valorizando, foi embora pra Minas e foi percorrendo... ele foi falar desses terrenos quando foi vender.

Mas o que ele fazia?

Era comerciante e a profissão dele era pedreiro. Ele dava sorte, acabamento de casas, essas coisas. Sempre foi assim. Minha mãe conheceu ele assim, eu sou comerciante por conta da minha mãe. Minha mãe começou com uma vendinha lá na Bahia vendendo umas coisinhas lá, querosene, carvão, coisa pra fazer fogo... aí foi crescendo. De lá viemos pra Minas, já veio com a intenção de comércio, minha mãe é cozinheira, montou uma cozinha, ficou dando comida pro pessoal da cidade, cresceu pra caramba. Construiu uma casa, um monstro de uma casa enorme, pensa numa casa grande... ela foi tombada como tesouro nacional lá de Minas Gerais. Eu estive lá uns quatro anos atrás, mais... nossa, que casarão. Onde eu choro de ir é em Taubaté. Tinha tanta coisa em Taubaté, casa, chácara, terreno, lojas... tinha quatro lojas na cidade. O homem vendeu tudo e veio pra Ribeirão trabalhar nas feiras, cabeça oca sabe. A

inteligência era de comprar e vender, ganhava dinheiro, mas não parava quieto. E foi foi até morrer.

Ele morreu de que?

Idade, morreu com 98 anos. A mãe dele tava com 110 anos, enfiava agulha que nem uma menina.

Morreu de velhice então. E sua mãe?

Minha mãe tinha problema de saúde, morreu com 73 anos. Tinha bronquite, asma, essas coisas... ainda tinha um problema nas juntas também, nós temos esse problema nas juntas, que eu tenho até hoje aqui, é dela isso aqui. Meu pai tinha saúde, não tinha nada. Minha mãe morreu com um monte de complicação de doença. Aqui na Santa Casa ela ficou 73 dias internada pra morrer. Eu queria mandar ela embora, aquela coisa toda, entrei na briga, dei muito cheque frio pros médicos pra não mandarem ela embora. E quem vai pagar? Eu pago. E não tinha dinheiro... Aí foi foi foi... em uma reunião lá da Santa Casa eu falei, gente, eu dei cheque frio sabendo que era frio porque eu não podia deixar minha mãe morrer e vocês iam mandar minha mãe embora. Eu dei o cheque frio e me responsabilizo, mas não tem fundo e eu nem tenho como pagar. Entrou vereador na briga e liberaram meu cheque, tive que fazer isso aí

E aí o senhor era casado?

Sim, nessa época eu era. Casei e tive cinco filhos. Casei com 22 anos. Aqui em Ribeirão foram duas vezes, com uma tive quatro filhos e com outra tive um. Esse um filho que vem aqui até hoje, ele tem 12 anos mas é do seu tamanho, forte, tem 1m70, calça 44, meninão mesmo.

Nossa! E aí o que seus filhos fazem?

O mais velho é engenheiro elétrico e é professor de física lá em Itajubá, minha menina é nutricionista, a outra é enfermeira padrão e tá estudando medicina, o outro era formado em línguas, viajava muito, tava ficando gordão... aí ele falou, não posso ficar gordo não, vou andar de bicicleta. Falei, então vai, filho. Ele tinha uma firma aqui na Fiuza e ele ia sempre de bicicleta. Com um mês que ele ia de bicicleta, voltou, bateu ele e uma moto... morreu os três. Hoje eu falo e dou risada, mas até três anos atrás eu só chorava.

Nossa! Quando foi isso?

Faz uns cinco anos atrás, ele tinha 33 anos e uma menininha de um ano e quatro meses. Balançou a cidade aqui, era muito conhecido demais. Era o Bráulio.

Qual era a empresa que ele tinha?

O nome da empresa... esqueci.

Aí, me conta... o senhor casou, teve os quatro filhos e separou?

É, separei. 30 anos de casado, tinha um vidão muito bom, próspero, crescendo, casas, casas de aluguel, carros... prosperando bastante. E houve a traição na minha casa. Aí ela começou a trair, eu comecei a trair e começou aquela guerra "quem traía mais". Aí aquela guerra, briga em casa, parecia o Vietnã. Separamos, dei a parte dela e minha parte eu fui conhecer lugares que não conhecia, fui pra Amazonas, fui pra Manaus, fui aqui em Fortaleza, fui viajar pro Brasil. Acabei com o dinheiro, joguei o dinheiro fora. Era só festa, bagunça, hotel, festa, churrasco, mulher, zona... tô aqui. Graças a Deus que eu aposentei e graças a Deus que eu estou na Casa do Vovô. Porque a minha família é tudo bem, todos eles, mas não quer saber de pobre perto deles não.

Aí o senhor perdeu tudo e ninguém quis saber mais?

Tem uma irmã minha, essa mais pobre, que mora em Jardinópolis, ela tem um casão lá, muito bom, mas o coração é duro. Eu fui lá, sabe onde eu dormia? Em um colchão mais fino que esse no chão, fiquei quatro meses. Depois meu sobrinho, casado com a filha da minha irmã mais velha, é topógrafo em Taubaté, foi lá me visitar. Perguntou, onde o senhor dorme aqui? Eu puxei a porta e o colchão tava enrolado atrás. Ele falou, essa é sua cama? Falei, é. Mas

onde você põe? No chão. Ah não, tá errado isso aí, brigou com minha irmã que é sobrinha dele. Falou não, você não vai ficar aqui, me dá três dias pra eu vir te buscar. Onde o senhor vai me levar? Você vai ver. Me trouxe aqui na Casa do Vovô.

O senhor tem seis irmãos, todos vivos?

Todos vivos e saudáveis.

O senhor é o mais velho?

Não, sou o quarto.

E aí o senhor tem contato só com essa de Jardinópolis?

Eu tenho contato com todo mundo. Só esse meu irmão que mora em Goiás, esse aí devido ele ter ficado bem e foi muito difícil pra ele ficar... não sei, tem coração duro, me prometeu uma coisa que não tá cumprindo. E eu tô orando a Deus que ele vai cumprir.

E os outros moram aqui na região?

Moram tudo aqui. Uma mora em São Paulo, essa é riquinha, mora em um apartamento de três andares, coisa mais linda. O resto mora aqui. A que mora aqui, Cleide Noivas, conhece? Fica na Av. da Saudade, é uma das mais antigas.

Não sei se eu sei! Aí todo mundo virou comerciante?

Quase todos. Tem uma que é assistente social da Santa Casa, já aposentou e continua trabalhando, mas não dá um centavo pra mim. Mas eu agradeço a Deus.

O senhor tem ajuda de alguém?

Só de Deus. Melhor ajuda que você tem é de Deus, ninguém ajuda. Esses meus filhos que são formados hoje eles me mandam 300 reais aqui pra casa pra ajudar. Eu fiz empréstimo no banco e pago pensão pro meu garoto, então ficava pouco dinheiro pra casa. Meus empréstimos terminam agora, eu vou no banco tentar restituir esse dinheiro pra cá

Entendi. Aí o senhor casou de novo?

Casei de novo, foi 8 anos de casamento. Foi um relacionamento muito bom no começo, muito próspero, viajava muito, andava muito... eu tinha grana né, viajava demais. Mas não tinha a proteção de Deus, porque depois de 8 anos começou uma brigaiada. A mulher queria dançar, ir pro baile, carnaval, eu falei não, você não pode e tal... Falei ó, faz assim, você quer ir? Quero. Você vai? Vou. Só que aqui você não vem morar mais, nós para aqui. Não, mas eu vou e volto. Não, nós para aqui, veja bem o que eu tô te falando... Ela tava grávida, falou então você vai dar pensão. Falei dou, vamos no advogado. Ele falou, o senhor quer ficar livre, seu Getro? Tem que dar 750 reais agora. Naquele tempo eu tinha dinheiro, falei tá aqui. Quando que eu fico livre? Era uma quinta-feira, segunda vamos no fórum. Aí fomos, acabou, não quis mais. Aí eu fiquei pensando nesse garoto meu, que meu sogro é bem, cuida do garoto, dá estudo, parece um riquinho, tem tudo, videogame, faz aula de inglês, é evangélico, faz academia de natação, ele é fortinho. Então, agradecido a Deus porque meu sogro ama ele, porque ele é neto único né, tudo o que meu sogro tem dá pra ele. Então to bem com isso aí. E os outros meus filhos também tão bem, graças a Deus, tirando suas lutas, suas confusões da vida né.

O senhor tem quantos netos no total?

Quatro, tudo mulherzinha. Uma que ficou aqui em Ribeirão e ela foi pra lá com as três.

Então, o senhor mexe com sapato?

Sapatilha, isso aqui é tudo meu, as sapatilhas tão guardadas ali dentro

O senhor vende?

Vendo. Ontem veio duas buscar aqui. Isso aqui é permissão. Mas eu quero parar, é muito devagar a venda. Eu quero um negócio que gira mais, não to podendo, mas quero um negócio que cresça. Segunda-feira eu fui no poupatempo renovar minha carta, fazia quatro anos que tava vencida. Fiz tudo o que tinha que fazer, agora tô aguardando o exame dia 16, uma benção isso vai ser, porque eu tenho problema no joelho

Então, o que o senhor tem no joelho?

Falta de cartilagem. Secou aquele líquido que fica entre o osso, então ficou osso com osso Nos dois?

Nos dois juntos. Faz uns dez anos.

Aí vai raspando um no outro né? Dói?

Vixe... E eu vim aguentando essa dor, dez anos, no médico, no hospital, mas ninguém opera. Sabe por que? Porque Deus me prometeu que homem nenhum colocava bisturi no meu joelho. A hora que eu quiser e quando eu quiser, quando você tiver pronto pra me servir, eu vou estar pronto pra você. Eu chorei quando cheguei aqui, chorei três dias, aí Deus falou pra mim, na hora que você tiver sarado... foi assim, quando eu cheguei aqui, virei a esquina que eu vi um monte de pessoas de idade, sentado, babando... falei, o senhor tá enganado comigo, meu pai, não é aqui meu lugar não. Ele falou, é aqui o seu lugar, eu vou te deixar aí e te tirar quando eu quiser. Aí eu falei, tá bom, pai. Ele falou, sabe por que, meu filho? Eu vou te quebrar, te amassar, fazer um vaso novo, levar na casa do olheiro. A hora que você tiver pronto, sem nenhum trinco, eu te tiro daí. Hoje eu tenho alegria de ser assim, de ter esse Deus comigo. Eu não tomo remédio, só pra pressão, mas não tem nada...

O senhor não tem dor no joelho?

Só pra levantar, quando ando, mas deitado, sentado não... vou passando em nome de Jesus, vou pra igreja três vezes por semana

Qual igreja o senhor vai?

Quadrangular, lá na Lagoinha

Longe hein?

Longe. Mas tem um pessoal da igreja que vem me buscar. Leva, busca, traz, o dia que chego tarde leva pra casa pra eu jantar com eles, leva pro congresso, reuniões... eu sou assim intercessor com eles, faço parte do pessoal que faz visitas nas casas, leva alimento pro povo. Eu sou ativo na igreja. A minha situação, menina, é de abandono. Minhas irmãs e meu cunhado trouxe eu pra cá que é pra eu morrer aqui. E eles falavam pra mim assim, quero ver se seu Deus é Deus pra tirar você daqui. Isso que eu tô fazendo de renovar minha carta, projeto de vida novo, serviço me esperando, só eu e mais ninguém acredita. Quando me virem chegando naquela casa com carro cheio de mercadoria, eu guiando... ah, vão cair das pernas. Vou ganhar todos pra Jesus. Eu falo pra Deus, que eu não tenha nada, eu quero ser ganhador de almas. Conforme você trabalha pra Deus, Deus trabalha pra você. E Ele já falou pra mim... Faz muito tempo que eu sirvo a Deus, mas não queria saber que eu era mesmo de Deus, eu tinha o coração duro, mulher. Eu era rebelde. Então Deus foi me quebrando e colocando onde eu estou hoje. Eu sou temente a Deus, oro a Deus toda manhã, madrugada, todo dia, o dia todo com isso aqui na mão, sou um servo de Deus. E vou te falar, ele vai me curar. Tô tirando minha carta mandado por Deus. Eu tô muito contente, vai dar tudo certo, eu vou sair daqui, mas continuo morando aqui. Já conversei com o pessoal, aqui é minha Casa. Meus sonhos são os sonhos de Deus, eu sou obra do Senhor.

O senhor perdeu tudo?

Graças a Deus perdi e tô recuperando. Eu tinha minha casa, tinha terrenos, outra casa na Luzitana... foi tudo embora. Hoje eu rio, falo, converso, mas eu só chorava... começo a conversar e dá vontade de chorar, porque foi luta. É luta. Não sou dono do mundo, sou filho do dono. Amém. A gente tem história pra contar né?

Teve uma em São Paulo, quando eu me perdi, um ano atrás mais ou menos... eu tava em São Paulo e não aguentava ficar parado. Saí umas nove horas da manhã pra andar, deu cinco horas da tarde eu tava longe... eu fui voltar e tava perdido naquele metrô. Falei, e agora, o que eu faço, Pai? Aquilo quando chega seis horas parece um formigueiro. Aí eu peguei o trem... aquilo nunca chegava. Aí lá na outra estação, enxerguei uma mão branquinha assim... moço, segura na minha mão, pode pegar, eu vou levar o senhor lá em cima, vou chamar um táxi pro senhor, o senhor tem dinheiro? Falei tenho. Chegou o táxi, falou pro moço, quanto fica daqui

pra levar ele na rua tal? 40 reais. Ele deu 50 reais pro moço e falou leva ele lá, o que sobrar fica pra você. É Deus na minha vida.

O senhor trabalhou até quantos anos?

Ah... uns 62 anos, por aí. Aí fui obrigado a parar né, levaram tudo embora minhas coisas, fiquei sem nada.

Então faz oito anos que o senhor parou

É... minha vida é cheia de altos e baixos, uma coisa de bom, conhecimento. Conheço quase todo o Brasil. Difícil um lugar que eu não sei... nunca me faltou comida, alimentação, dinheiro, água, portas abertas... fiquei 15 dias em um hotel na Bahia, quando fui acertar o homem disse que tava tudo certo.

O senhor tem alguma lembrança assim mais marcante da infância?

Assim, eu gostava muito de pescar, jogar bola, nadar, roubar fruta...

O senhor estudou?

Estudei até... naquele tempo fazia a admissão e mais dois anos de ginásio. O final do ginásio, que é o quarto ano, eu não fiz.

Não fez faculdade então?

Não

Nunca quis?

Nunca cheguei lá, não pensava nisso não... minhas irmãs fizeram, mas eu não. Eu fiz no SENAI mecânico ajustador

Mas nunca mexeu com isso?

Nunca. Não tinha instrução, obrigação... eles falam que eu tenho a mesma sina do meu pai, perder tudo, ganhar tudo, ficar bem de vida, perde tudo, fica bem de novo. Minha sina parou quando conheci Jesus. Meu pai era pregador da igreja também quando eu era pequeno, ia pra igreja e não podia perguntar nada de Deus. Eu sou de família evangélica de nascença, minha avó, minha mãe... eu casei na igreja batista, mas nunca mais voltei. Minha esposa era umbandista, mexia com umbanda, foi aquela confusão, fazia trabalho em casa.

E ela aceitou casar na igreja evangélica?

Aceitou, ou casava ou meu pai não deixava casar. Foi uma confusão, casamento com propostas diferentes, então foi só destruição.

Seus filhos frequentam?

Só uma. Mas eu vou pregar pra eles, vou chamar cada um e eles vão ver a mudança na minha vida, o que eu era, pó, uma folha seca... meus irmãos, somos sete irmãos, evangélico mesmo acho que três.

O senhor sente falta dos pais?

Ah, da minha mãe... tem comida, tem coisa que eles fazem, ninguém faz igual. Nesses tempos atrás comprei uma carne que minha irmã disse que fazia igual, mas não ficou não. Meu pai era muito assim, mas era muito amoroso, gostava de mim, era muito descabeçado. No fim da vida ele morou em Jardinópolis

E o senhor morava onde?

Morava aqui na Casa do Vovô

Então seu pai morreu faz pouco tempo

Dois anos. Alice, você vai ser muito bem sucedida

Amém!

Põe Deus na sua frente que todas as portas vão se abrir. Porque eu falo assim, Deus traga pra mim pessoas que queiram ouvir a palavra. Deus é amor, é carinho... antes eu não tinha amor com criança, nem com minhas netas. Eu era um pedaço de pau, sem coração, sem amor.

ENTREVISTA COM MARIA THEREZA TOLEDO FEITA PESSOALMENTE NO DIA 05/08/2018 , NA CASA DO VOVÔ

(A conversa se inicia com Alice falando)

A senhora é aposentada?

Sim

Em que?

Ah, por idade

A senhora trabalhava?

Trabalhava de empregada, mas naquele tempo não fazia aposentadoria, nada. Trabalhava com meu pai vendendo sorvete a pé na rua, trabalhava assim. Ajudava minha mãe. Em fábrica eu trabalhei, mas naquele tempo nem pagava, enganava todo mundo. Trabalhei três anos na fábrica de sorvete e não adiantou nada, fui saber da minha aposentadoria, aí um irmão roubou o outro, foi uma briga. Quando o mais novo descobriu, teve uma briga e acabou a sorveteria. Eles venderam, mas tá lá, foi pra outro lugar, na rua Minas. Sem vergonha né? Ele morreu de câncer. O outro irmão era bonzinho e confiava nele, mas tava roubando. Nem pagava a gente direito, nem nada. Quem mandou ser bobo, né?

Então! A senhora é daqui de Ribeirão?

Sou

Casou?

Casei, mas já vou largar

Mas a senhora é casada?

Sim

Por que a senhora quer largar?

Ah, não cuida direito da gente né?! A gente é boba, agora chegou a minha hora. Arrumei aqui, é muito bom, todo mundo é bom pra mim, tem almoço, janta, a limpeza, é uma beleza. Então larguei dele, vim pra cá, não vou mais lá, deixa ele lá. Ta lá sozinho...

Onde a senhora morava?

Lá no Alto da Boa Vista, casei e fui morar lá, era só mato, só nós lá. Compramos o terreno por nove cruzeiros, conseguiu fazer uma casinha. Fez a casa três vezes e caiu. Até que um dia arrumamos uma casinha boa, três cômodos, terreno grande... aí todo mundo falaram que era mato e que era perigoso ficar lá, eu nunca morei no mato. Aí pegou e vendeu. No outro dia passou a máquina, rapou tudo o mato e fez o shopping. Depois comprou mais tijolo, faz 50 anos que eu tô esperando ele fazer. Até hoje, muito sossegado, não quer nada com nada, o barraco dele tá caindo no chão

Onde a senhora morava

É, se a assistente social for lá, vai tirar ele de lá, porque tá velhinho, nem anda mais quase.

A senhora casou nova?

Não, com 33 anos, a idade certa. Diverti bastante, depois casei. Eu ia muito na igreja...

Então vocês ficaram casados até...

Até agora. Tô casada ainda. De vez em quando meus filhos levam eu lá, fico lá na rua A senhora tem filhos!

Tenho três, mas só que liga pra mim é só um, o mais novo, porque os outros dois... a menina mandou a gente ir pros quintos dos infernos, não quer saber de nós. Ficou com raiva da vida ruim que ela tinha

É uma menina e dois meninos?

Isso, os dois meninos ainda vai pro meu lado, mas a menina não quer nem saber. Se ela morrer eu nem vou lá. É geniosa igual a avó dela, o pai dela... O outro não, puxou minha família, bonzinho, não tem raiva de ninguém. Vem, me ajuda, faz festa pra mim, tem mais de 30 anos. Os dois é moço, ela não sei nem a idade mais. Ela não liga pra mim, não gosta de mim. Primeiro eu chorava, às vezes eu choro, porque eu sou mãe dela né... não gosto nem de falar. Fico sentida, né? Porque quando eu tinha minha mãe, eu não comia nada, meu pai me

dava nem um tostão também... valia nada também pra minha mãe, morreu no puro osso e nós nunca tivemos raiva deles. Trabalhava com ele, vendia sorvete com ele, ele era aposentado da força e luz, até tem rua com o nome dele. Ele também não era bom pra minha mãe não, mas nós nunca achamos ruim

Porque era pai né?

É que naquele tempo a gente era bom pro pai, hoje não. Hoje se o pai não der dinheiro pra você, larga, xinga, não quer saber nem de morar perto. Antigamente nós ficava tudo quieto. Hoje não, não vê minha filha? Ela falou que eu não cuidava direito, não dava dinheiro pra ela. Porque eu não trabalhava, lá não tinha casa pra eu trabalhar, não ia largar eles sozinhos, não podia andar... mas depois eu comecei a catar papel. Lá na presidente vargas tinha cinco boates, eles davam tudo pra mim. Latinha, papel... caminhão e mais caminhão de coisas. Saía sete horas da noite e voltava sete horas da manhã catando latinha. Entrava nas boates e catava tudo, eles não davam pra ninguém, só pra mim, nem a reciclagem eles deixavam pegar E a senhora vendia?

Ganhava muito dinheiro, que nem água, dava tudo pra ela. Não comprava uma banana pra mim, um sapato, nada. Dava pra ela, porque mãe é assim, boba mesmo. O outro que me ajuda hoje nunca dei nada, nunca me amolou, hoje trabalha sozinho, cata papel também, ganha dinheiro de qualquer jeito. Ele cuida muito de mim, me leva pra comprar roupa e eu nunca dei nada pra ele. E os outros nem ligam pra mim, deixa eles, Deus que ajuda ela que não aconteça nada pra ela.

Deus tá vendo!

Ela arrumou um casamento, ele fumava maconha, era trabalhador, dava tudo o dinheiro na mão dela. O que estragou dela foi a sogra e o irmão dele. Achou que eu morava num barraco e não era boa. Foi isso que estragou ela, mas minha filha não é ruim, mas a gente nem conversa. Trabalhou em uma padaria, quase aposentou lá, nem levava a bolsa no serviço pra ninguém achar que ela ia roubar. Ela é geniosa. Agora ela arrumou outro lá... ela nem me falou onde ela mora. Não sei nada dela e nem quero saber. Aqui todo mundo gosta de mim, me dá as coisas. Ganhei dentadura. Comida boa. Tô no céu aqui, não quero saber de marido nem nada, nem no outro mundo não quero saber, nem de filho.

Sempre gostou de se arrumar?

Sempre.

Tem quantos irmãos?

Eram 15. Só sobrou o mais novo e duas irmãs. Meu pai juntou com minha mãe e eles já tinham. Um monte de criançada.

O que sua mãe teve?

Uma veia entupida, morreu com 65 anos. Não se alimentava. Meu pai era aposentado da força e luz. Ele vinha vindo da igreja, não olhou a rua, uma caminhonete virou em cima dele. Morreu de panela. Não olhou pra atravessar né?! Minha mãe sofreu muito com ele. Ela foi escrava, coitada. Escrava de fazendeiro. Casou com 12 anos, não tinha juízo né. Por isso teve tudo isso de filho. Hoje eu penso nela, não sabia ler, não sabia escrever, nunca foi pra escola. Quase que nós também não. Naquele tempo os pais não gostavam que os filhos estudavam, só trabalhavam.

E aí a senhora então trabalhou bastante...

Como empregada, vendia sorvete na praça XV, vendia amendoim com meu pai. Fui crescendo e ajudando minha mãe.

Aí casou

Não gosto nem de falar. Nem no outro mundo não quero isso mais. Nem de homem quero saber. Eu uso aliança, mas só pra não estragar. Ele só grita, xinga, sabe... deixa que eu vou viver minha vida, trabalhar, andar bem vestida. Até hoje tenho depressão...

Por que a senhora anda de andador?

Porque eu catava latinha, caminhão e mais caminhão de latinha, era a rainha da sucata. Vendia mais que os homens... Ficava até de manhã esperando as boates fecharem pra eu entrar. Era divertido, viu. Pensava em nada, nem em Deus. Separava papel, reciclava, as escolas me davam latinhas. Eu pegava uma vassoura e ia varrendo a sarjeta com as latinhas. E dava tudo pra ela. Por isso eu choro...

Tocou o sinal, a senhora quer ir tomar café?

Não, almocei muito, não quero...

O que a senhora fez no pé?

Ah, sabe o que eu fazia? Pegava as latinhas, amassava no pé em um instantinho. Aí gastou o fêmur. Agora tenho que andar de andador. Mas trabalhei até.

O que a senhora tem nessa bolsinha?

Pó de arroz, pente, talco, gosto de me pintar. Eu ganho. Ando com ela pra ninguém mexer. (A bolsa é cheia de outras bolsas. Cada uma com um tipo de coisa). Tem esmalte, brinco, pulseira, tudo.

Gosta de batom?

Gosto, de todas as cores. E daqui eu não vou sair nunca mais. Um dia uma mulher disse que ela aprendeu a fazer bolo, comprou um bolo só pra ver se ela vinha conversar comigo. Ela foi, levou o bolo e nem na minha cara olhou. É isso que eu choro. Mas eu não tenho que chorar não. Aqui eu sou bem guardada. E assim, não aconselho ninguém a ficar sozinho na vida. Tem que casar, mas tem que ser com o certo.

A senhora tem alguma lembrança que dá saudade?

Quando a gente era criança, ia no catecismo. Tinha meu pai, minha mãe perto, meus irmãos... a gente era pobre, não tinha nada pra comer, mas vivia alegre. Era feliz. Catava lixo da rua. Pra criança tudo é bom. Se for pra dormir na rua, gosta, pegava caixa pra dormir. Quando não minha mãe fazia colchão de palha, dormia um monte de criança no colchão. A gente sofria mas era feliz. Quando tinha mãe e pai era bom. Não sei como despreza pai e mãe. Meu pai não era muito bom, mas também não batia em nós e eu gostava dele. Já sofri muito... agora chega.

Onde a senhora conheceu seu marido?

Eu não sabia nada dele, só sabia que não era mulherzeiro. Minhas colegas lá de cima conheciam ele, falavam que ele era bom... mentira. Ele comprou o terreno por nove cruzeiros. Ele fez a casa três vezes e ela caiu. Ribeirão cresceu muito, era bom quando era só nós aqui. Agora tem bandidagem... Eu sou assim: eu gosto, gosto. Eu não gosto, jogo fora. Entra por um ouvido e sai pelo outro. Quando eu era pequena ia na quermesse do asilo da av. da Saudade, o trenzinho dava a volta trás do cemitério, era gostoso. Passava pelos velhinhos tudo sentado na calçada assim, quando que eu ia pensar que um dia internar também? Nunca.

A senhora conversa bastante aqui com o pessoal?

Não, só com as enfermeiras. O pessoal é meio atrapalhado. Você fala banana, responde laranja. Fico só me arrumando

O dia todo?

Sim

Tem que ficar bonita né?

Velho não fica bonito.

ENTREVISTA COM WILSON MOACYR VENDRUSCOLO FEITA PESSOALMENTE NO DIA 05/08/2018 , NA CASA DO VOVÔ

(A conversa se inicia com Wilson falando)

Ontem nós fomos apreender um posto de gasolina lá na Vila Abranches

Mas o senhor tá trabalhando ainda?

Meu filho é delegado, eu vou junto, os caras vem me buscar aqui

O senhor era investigador?

Sim, é um policial, a mesma coisa. Pode andar armado

Aí o senhor acompanha seu filho

Isso, o outro meu filho também é investigador. Eu tenho uma irmã também em Cuiabá que é juíza de direito

São em quantos?

Cinco irmãos, dois irmãos e duas irmãs, tinha três mas uma faleceu

Os outros estão todos vivos?

Estão, graças a Deus. Mas nem aqui me ver eles vem. Irmão não é parente né? Mas eu não ligo não, meus filhos vindo aí, meus netos...

O senhor tem quantos filhos?

Dois filhos, dois homens.

O senhor é casado?

Separado, faz 28 anos. Eu casei quando tinha 20 anos e ela 14. Ficamos muitos anos, mas nós se dá bem, ela vem aqui, conversa, mora com meu filho solteiro. Ele olha ela e o outro olha eu. Eu morava lá perto dela, mas dava trabalho pra eles né. Uma semana era minha nora que levava comida, lavava roupa, outra semana era minha mulher. Mas dá muito trabalho. Aí vim pra cá, faz cinco anos.

E gosta daqui?

Não tem coisa melhor. Minha amizade é muita aqui com todo mundo. Converso com todo mundo, todo mundo diz que sou arteiro, conto piadas. Eu ia no rádio, falava mal, falava bem O senhor mora sozinho no quarto?

Sim, morreu três, quatro...

E seus pais?

Morreram os dois. De idade né... meu pai morreu com 104 anos e minha mãe faltava um dia pra 100

O senhor estudou?

Eu não estudei muito não, queria mais viajar com caminhão pela estrada afora. Ficava 3, 4 dias sem ir pra casa. Viajava, levava cerveja, açúcar... fiz só o quinto grupo. Meu avô tinha 14 netos, fez todo mundo se formar, menos eu. Eu casei em 1961 e vim pra cidade. Viajei uns 15, 20 anos de caminhão... conheci muitos estados, Argentina, Bolívia, Paraguai. Depois eu peguei um caminhão tanque de puxar pinga. Levava pra Minas, Goiás, São Paulo, enchia navio pra levar pros outros países. Aí comprei outro caminhão pra fazer o mesmo. Depois fui entrar na Polícia com 40 e tantos anos

O que deu na cabeça?

Eu tinha terreno, caminhão, carro... fui largar tudo pra entrar na Polícia, porque eu gostava de ver os policiais. Quando separei da minha mulher eu tinha 12 casas de aluguel. Fiquei 35 anos na Polícia, cinco em Santos, logo que entrei. Ficava trabalhando na praia de revólver, bermudinha, vendo todo mundo na praia, aí não gostei. Eu saía daqui pra levar preso de uma cidade pra outra, demorava 2, 3 dias... e ela falava que eu ficava indo atrás de mulher. Mas sempre fiquei aqui em Ribeirão, nunca mais quis sair. Meu finado pai nasceu aqui, ele tinha um sítio grande lá no Castelo Branco, tinha 14 alqueires de terra.

O que mais marcou o senhor?

Eu gostava de mexer com pinga. Nunca bebi, nunca fumei, mas falava pros outros que era boa. "Pinga gostosa, pode beber!". É tanta coisa... eu não quis mexer com entorpecente que vinha do Paraguai, essas coisas, podia mexer mas nunca quis. Agora pinga... Não pagava imposto, passava direto na fronteira, porque caminhão tanque não para. Ganhei tanto dinheiro, a pior burrada do mundo foi sair.

Mas gostou de trabalhar na Polícia?

Gostei, gosto até hoje.

O que o senhor mais gostava?

De estourar porta de madrugada. Cumprir mandado de prisão. Até semana passada eu fui cumprir mandado aí com meu moleque lá na Vila Virgínia. Vem muito investigador aí pedir ajuda... terça-feira eu tava deitado aí o guarda falou que tinha uma viatura me chamando. Perguntei se era meu moleque, falou que não, era um cara de gravata. Fui ver era o delegado da DIG. Seu Wilson, disseram que você é um computador. Falou o nome do cara, perguntou se eu sabia mais ou menos o endereço dele. Aí fomos lá, você tem que ir na casa do vizinho, não na casa certa. Mas eu vou largar de andar assim... às vezes tem barulho aqui a noite, eu levanto e vou ver. Meu moleque mandou eu não fazer mais não. Trabalhei 10 anos de segurança em um posto. Outra coisa que eu gostava também era guiar ônibus. Eu fui motorista de ônibus, meu apelido era delegado na estrada. Pegava o ônibus, levava a papelada pra São Paulo, pegava nossa papelada lá e trazia de volta. E nunca furei um pneu na estrada. Só uma vez aconteceu um negócio, eu tava perto de Leme, levei um tiro no ônibus, pegou na porta do meu lado, fez um buraco, mas nem pegou em mim. Eu gostava. Queria renovar minha carta, mas... melhor que aqui não tem não. Roupa lavada, comida pronta, tudo limpo, médico, barbeiro, enfermeiro... Eu tenho um colega investigador que trabalhava comigo pegou 233 anos de cadeia, foi julgado essa semana... matou muita gente né. Matou quatro de uma família só. Ele era ruim... Falava que não ia dar ruim, eu falei olha... não entro na sua não.

O senhor toma conta de todo mundo aqui?

Aqui eu chamo todo mundo de irmão, é tudo irmão. Mas a vida é isso aí, filha.

O senhor não ia atrás do seu amigo fazer coisa errada na Polícia?

Não, quando eu sabia que ia dar ruim eu saia de perto. Eu vi tanta coisa errada na Polícia que não posso nem falar. Graças a Deus, 30 anos eu fui uma vez só ao fórum, pra ser testemunha ainda.

Prendeu muita gente?

Prendi, levei tiro. Nós saímos em 6, 7 investigadores do 2º distrito. Ia prender um baianinho que tinha matado uma mulher em Pernambuco e veio pra cá. Eu tava guiando a viatura. Os investigadores desceram e pularam pra frente. Tinha umas pilhas de tijolo, esse baianinho correu e ficou atrás... eu era o último. Aí ele atirou. Mas também levou 16, cortaram ele no meio. Eu costumava dar mais conselho... sair pra atender briga de marido e mulher, me dava uma raiva. Chegava no portão da casa, falava "a polícia", respondiam "pode ir embora, já resolvemos". Fizeram duas vezes seguidas. A terceira a gente foi até lá e meteu o pé na porta. Algemamos os dois e levamos pra delegacia. Ficaram os dois lá o dia inteiro. Até hoje eu dou conselho pras essas meninas aí. Tenho um monte de namorada, todas falam que são minhas namoradas. É, aqui é tudo muito bom... sossegado, já tô na prorrogação

Prorrogação nada, seu pai morreu com 104

E tem uma irmã minha que faleceu com 32 anos. Ela trabalhava em um centro de telefone, deu uma dor na cabeça dela, saiu, foi em casa, ficou dois dias internada e morreu. Vai fazer dois anos que ela morreu. Era uma irmã que gostava muito de mim.

Qual foi o caso de destaque na sua carreira da Polícia?

Em 1956 aconteceu um afogamento no clube regatas. Uma criança de 6 aninhos. A menina caiu... eu tava lá por perto, pulei na água e peguei ela. Ainda salvamos ela. Sobreviveu. Essa emoção nunca mais me saiu da cabeça, nunca.

O senhor estava a trabalho?

Não, era sócio, frequentava. Roubaram uns tratores aqui na usina em sertãozinho e chamaram a gente, fomos lá. Fomos em uma fazenda perto de pontal, tratorista bom ele. Perguntei se o trator era novo, o cara falou que era velho, da usina, mas que tinha um novo lá pra baixo. Peguei o número do chassi do trator, era o roubado. Perguntei na usina de quem tinha

comprado, ninguém sabia. Levei embora pra delegacia, foi a leilão. Aqui no dedo tem até o calo de segurar a arma.

Sente falta?

Sinto... eu tinha muita arma boa, bicicleta então, tinha 8 ou 9 dentro de casa. Pegava roubada, o delegado falava que tinha muita bicicleta apreendida, levava pra casa.

ENTREVISTA COM MARIA LÚCIA GUSMÕES FEITA PESSOALMENTE NO DIA 09/08/2018, NA CASA DO VOVÔ

(A conversa se inicia com Alice falando)

A senhora tá com quantos anos?

50 e... deixa eu fazer as contas direito. Depois que perdi meu filho, a cabeça pirou

A senhora perdeu um filho? O que aconteceu?

Deu um câncer

Era novo?

16 anos

Meu Deus... sofreu muito?

Ele era branco dos olhos azuis

Como vocês descobriram?

Eu fui em vários médicos, aí mandaram ir no oncologista. Chegando lá descobriu. Tadinho...

Ele operou?

Operou, cortou daqui até aqui

Aí tirou?

Tirou um tumor maligno enorme que estava comprimindo o coração e o pulmão

Fez quimioterapia?

Fez, tirou o tumor. Mesmo assim, Deus quis ele.

Foi rápido?

Demorou um tempo. Teve que fazer quimioterapia, os exames todos

Aí o que aconteceu com a senhora?

Eu pirei. Pirei mesmo, de verdade.

Só tinha ele de filho?

Não, tem outro. Mais velho. Sofri muito...

Eu imagino, na verdade não, não imagino.

Dá pra pensar um pouquinho.

Aí a senhora veio pra cá?

Não, aí minha casa é sobrado. Eu não caio lá da escada? Caí lá embaixo. Eu tava meio pirada. Subi de novo que eu tava fazendo limpeza lá em cima, caí de novo. A segunda vez eu não andei mais

A senhora não conseguiu levantar?

Não. Estava sozinha. Aí meu marido chegou, levantou eu e não andei mais

E o que era?

E já operei da coluna duas vezes, dessa vez eu não andei mais. Foi difícil. Tivemos que fazer quarto embaixo pra ter onde ficar. Eu não posso mais ficar sozinha, tenho que ficar no meio dos outros. No final de semana vou pra casa. Às vezes eu vou, às vezes não, porque é muito puxado pro meu marido.

Vocês são casados há muito tempo?

42 anos.

E qual sua idade mesmo?

50 e... nossa, não lembro. Não lembro.

A senhora é daqui de Ribeirão? Sempre namorou seu marido?

Namorei outros.

Namorou bastante?

Era namoradeira. Em casa, a que mais namorava era eu.

Lembra quantos?

Nossa, tenho que fazer a conta, foram muitos. Eu acho que você tem que conhecer pra poder escolher se a pessoa é boa ou não é, né. Porque se namora só um, você não sabe escolher. Eu casei bem

Como a senhora conheceu ele?

Foi dentro de uma igreja

Como foi?

Eu entrei na igreja, olhei pro lado assim e ele deu uma olhada. Ah, me balançou! Aí eu peguei e falei, meu Deus do céu! Chegou lá fora, meu amigo era amigo dele. Aí ele perguntou, você conhece essa menina? Meu amigo falou, conheço. E cara, se você tiver pensando em namorar com ela, pode tirar o cavalo da chuva, porque ela é namoradeira a beça. O problema é que ela ainda não gostou de alguém, o dia que gostar de verdade ela muda. Aí ele pegou e falou desse ieito pra ele. E ele tinha interesse em mim. Nós só olhamos. Aí quando chegou lá fora ele tava com um amigo e se mandou. Ah, mas eu fiquei pra baixo... passou uma semana, eu falei pra uma amiga, ai se você souber o tanto que eu tô chateada por causa disso. Ah, Lucia, fica em paz, ela disse. Se ele gostou de você, ele volta. Bom... quando foi no próximo domingo, ele voltou na igreja, no mesmo lugar. Fiz minha oração, quando fui levantando, falei nossa! Olha o homem de novo! Aí olhei pra ele, ele olhou pra mim... só. Ele pegou e foi embora, nós não conversamos. Falei, moço bobo. Bobo né? Eu fiquei pra baixo de tudo. Ele fez isso umas três vezes. Aí da última vez ele olhou tanto... eu fui embora, cheguei em casa chorando. Minha mãe perguntou o que eu tinha, falei nada. Perguntou se alguém tinha feito algo pra mim, falei não. Ela disse, mas ninguém chora a toa. Entrei pro meu quarto e chorei... Minha mãe disse, larga de ser boba, menina! E saiu. (Essa conversa se repetiu três vezes). Passou umas duas semanas ele voltou. Sentamos no mesmo lugar na igreja e fiquei olhando. Aí ele pegou e deu um sorriso... tá melhorando! Acabou lá, ele pegou e sumiu. Falei, moço bobo!

Ouantas vezes ele fez isso?

Quatro vezes. Olha, menina, me desanimava... Ele tava sem carro, tava de ônibus. Porque o ônibus que ele tinha que pegar era o último que vinha pra Ribeirão e eu morava lá. Tava tudo apavorado pra vir embora. A rodoviária era no alto. Aí eu tinha um amigo que falou, vamos lá na rodoviária tomar vaca preta?! Sorvete com coca. Aí eu fui. Tomamos o sorvete. Cheguei lá e ele tinha perdido o ônibus. Graças a Deus! Ele ficou olhando de lá e eu de cá, dentro do carro. Minha amiga me fez descer da perua. Aí ele ficou andando pra lá e pra cá, pra lá e pra cá... o que eu tava falando mesmo?

Que vocês estavam na rodoviária

Quando ele me viu, ficou desesperado. Fiquei firme onde eu tava. Quando percebi, ele foi descendo devagarzinho pra onde nós estávamos. E eu firme. Chegou perto de mim e disse: tudo bem? Falei, tudo, que horas você pega o ônibus? Ele falou eu ia, não vou mais, era o último ônibus que ia pra Ribeirão e eu perdi. Estávamos conversando, minha amiga sabia que eu tava interessada e eu falei que a gente tinha que ir embora. Ele e os amigos iam dormir em um hotel. Ai minha amiga disse não, vamos lá pra casa minha e do meu marido, meus filhos não estão aí, tem um quarto vago. Ele topou, disse que ia até lá mas depois ia pro hotel. O filho dela tinha mudado pra Piaí, no Paraná. Ele foi pra casa dela e no outro dia foi embora. Foi o início de paquera, sabe. Mas eu fiquei triste a beça, ele não comentou nada e foi embora. Aí ele disse, posso voltar domingo? Falei uai, pode.

E ele voltou?

Voltou e ele contou a história da vida dele, eu contei a minha. A gente conhecia, porque eu morei perto da cidade dele, São Joaquim da Barra. Ele perguntou por que eu não casei. Falei

ah, ainda não encontrei meu príncipe encantado, e você? Ele falou, eu já. Menina... queria ver onde eu ia cair. Não acreditei, moleque de tudo. Falei, mas você não tem filhos né? Falou sim, três. Eu fiquei doidinha. Aí eu falei, nossa, tudo isso?! Ele me contou a história dele, o que aconteceu. Fazer o que né? Eu já tava apaixonada.

E aí? Não desistiu?

Não. Ele dormiu na casa da minha amiga. Aí no outro dia ele foi na minha casa, chegou lá e minhas irmãs apaixonaram nele. Todo mundo queria. Minhas irmãs falaram, se você não quiser, nós vamos pegar ele. Mas ele queria sim. Conversou com todo mundo, brincou, todo mundo se apaixonou por ele, porque é muito brincalhão, mas é um homem sério. Aí ele almoçou e mais tarde foi embora. Eu fiquei com aquela paixão violenta. Depois, na outra semana, ele voltou. A gente conversou, se entendeu, agora vem a família né.

Aí começou a namorar?

Depois pra ter que falar pro meu pai que meu marido era divorciado, desquitado na época. Ele falou, não aceito isso, minha filha casar com um divorciado, não vai ficar nem casada nem solteira. Mas ele foi conquistando a família. Ele falou pro meu pai, eu sou homem pra namorar e casar, tenho compromisso, tenho filhos, quero uma mulher pra eu casar e ficar. Aí ele disse, agora que você sabe toda a minha vida, que tal a gente namorar? Aí o coração explodiu.

A senhora topou?

Minha irmã falou, se você não quiser eu vou topar, porque ele é lindo demais. Eu disse que tinha que pensar e ele me falou, te dou o tempo que você quiser. Aí a gente ficou enrolado. Tinha um amigo nosso aqui que arrumou pra nós o divórcio na Bolívia, eu casei lá, em La Paz. Foi o advogado, os padrinhos e nós dois. Depois, aqui no Brasil foi aprovado o divórcio. Ele divorciou aqui e nós casamos aqui de novo, em Igarapava. Tenho duas certidões de casamento, uma em espanhol e uma em português.

Aí foram morar juntos?

Sim, aí viemos pra cá.

A senhora trabalhava?

Eu trabalhava em um consultório que tinha um dentista e dois médicos. Eu tomava conta da agenda de três. Trabalhei em sapataria também.

A senhora estudou?

Estudei pouco.

Como foi ter dois filhos?

Normal, fiquei três anos sem engravidar.

E os seus pais?

Depois ficou diferente, eles gostavam dele, eu tive tudo, nunca me faltou nada. Os dois faleceram, esse ano eu perdi meu pai, acho que com 78 anos. Ele estava sentando em frente a casa, em um banco de madeira. Caiu e estava morto. Minha mãe sofreu, ficou doente, teve cirrose por causa de muito medicamento. Ela tinha uns 60...

Vocês são em quantos irmãos?

Somos em dez filhos. Aí eu perdi um irmão.

A senhora tem contato com eles?

Tenho, semana passada estiveram todos aí. Só eu moro aqui em Ribeirão, o resto mora tudo em Igarapava.

Faz quanto tempo que a senhora está aqui?

Tem só um ou dois anos... acho que vai fazer dois anos.

A senhora veio logo depois que sofreu o acidente na sua casa?

É, meu marido colocou eu aqui pra eu ficar no meio dos outros, porque eu tava me afastando, não gostava de conversar.

A senhora consegue ficar em pé?

Não, nunca mais consegui. Não tem firmeza.

Tem alguma lembrança boa do seu filho? O que a senhora gostava de fazer?

Eu trabalhei muito, gostava. Meu marido tem uma relojoaria, relógio pequeno, grande... relógio pequeno eu não consertava, não enxergava direito.

A senhora tem algum problema de saúde?

Diabete, glaucoma...

Seu filho faz o que?

Trabalha junto com o pai na relojoaria. Pedi muito a Deus pra me dar força, senão não aguenta. Se não tiver um pouquinho de fé e não acreditar em alguma coisa... tem que ter fé.

ENTREVISTA COM VAGNER FERRAZ DA FONSECA FEITA PESSOALMENTE NO DIA 15/08/2018 , NA CASA DO VOVÔ

(A conversa se inicia com Alice falando)

O senhor é de Ribeirão?

Sim, sempre trabalhei por conta própria. Ultimamente tinha uma oficina de moto, mas eu já fiz de tudo. Minha primeira profissão foi joalheiro, depois montei uma loja para vender artigo religioso, artigo de macumba e chaveiro. Tava bom, montei mais duas lojas, fiquei com três. Aí montei uma fábrica de velas, tava com 21 funcionários, 38 mil quilos de velas prontas, pegou fogo. Queimou tudo. Aí eu vendi duas lojas e montei a fábrica novamente. Até com o nome de Fênix, que na mitologia grega é o pássaro que ressurgiu das cinzas, mas não foi mais pra frente. Aí os vizinhos começaram a reclamar, acabei vendendo. Comecei com oficina de moto, depois tive um acidente de bicicleta, caí e quebrei a coluna

Mas o que aconteceu?

Eu ia levando embrulho de mercado, uma sacolinha, entrou na roda dianteira, a bicicleta capotou, eu bati as costas na beira da sarjeta... foi uma só. Fiquei dois anos no Hospital de Retaguarda só deitado, não mexia nada. Fui pra Belo Horizonte e fiz 90 dias de fisioterapia, comecei a melhorar e vim pra cá, faz seis anos. Seis aqui e dois na Retaguarda. Oito anos desde o acidente, foi em 2010.

O senhor tem filhos?

Tenho, um filho e uma filha.

É casado?

Sim. Faz seis anos que minha filha não vem aqui e oito anos que não vai ver a mãe. Elas brigaram e nunca mais se viram. Ela mora lá no Santa Cruz.

Nunca mais o senhor viu? Nem liga mais?

Não, nem Natal, nem dia de ano, nem dia das mães... já liguei várias vezes pra ela, mas não vai. A mãe também não liga.

E essa sua cadeira

Eu ganhei do HC, sem pedir, sem fazer ficha. Eu fui lá, o médico falou que minha mão não movimentava e ofereceu uma cadeira motorizada, aí ele arrumou uma. Eu perdi os movimentos das mãos e das pernas.

O senhor aprendeu a se virar?

Só com esse dedo. Pego a caneca, pego a colher com um cabo adaptado...

O senhor vai pra casa de final de semana?

Nunca fui, a cada 15 dias eles vem me ver.

O senhor tem netos?

Duas meninas, uma com 12 e uma com 6. Elas vem e chamam pra eu ir embora com elas, mas não tem jeito. A mulher sozinha não dá conta de mim, preciso de duas enfermeiras pra me por na cama, na cadeira... porque eu não fico em pé, atacou muito o quadril. De seis em seis

meses eu vou no HC, toma 12 injeção de botox nas pernas para fortalecer. Duas vezes por semana eu faço fisioterapia

O senhor faz coisa a semana inteira então?

Sim, agora eu faço no computador, antes fazia na mão mesmo. Quando tem alguma comemoração, alguma coisa, eu escrevo e coloco no painel. Eu sou encarregado de pegar o jornal e selecionar as notícias principais.

Faz tempo que o senhor mexe no computador?

Faz três ou quatro meses, eu mando mensagem pra todo mundo que eu conheço no Facebook. O senhor tem irmão?

Tenho um, agora ele tá bem doente, eu me comunico por telefone.

E seus pais?

Faleceram os dois, faz tempo. Minha mãe faz 18 anos, meu pai faz 25 já, deu derrame nele. Minha mãe morreu por desgosto, ela tinha a casinha dela, as plantinhas dela, até conversava com as plantas. Aí ela ficou sozinha, um dia entrou ladrão na casa, meu irmão pegou e trouxe ela embora, aí ela ficou desgostosa.

O senhor estudou?

Eu fiz três anos de contabilidade, mas não cheguei a formar. Parei, porque naquele tempo eu trabalhava com jóia e dava muito dinheiro. Trabalhava de dia e a noite fazendo serviço. Trabalhei bastante, comecei com 12 anos, meu pai me colocou pra trabalhar na fábrica de jóia sem receber nada, só pra aprender. Com 17 anos eu tinha minha fábrica, fazia jóia fina, anel de brilhante, aliança, broche, fiz muita jóia.

Por que o senhor parou?

Porque foi caindo, caindo... ficou lá embaixo, parou de render. Hoje em dia ninguém usa mais jóia pra sair na rua né. Eu vendia pra Ribeirão e região e fazia a montagem pra três fábricas, tinha uma equipe de rapazes que eu ensinava a trabalhar. Fazia também conserto pra ótica e relojoaria.

Quando decidiu parar?

Eu tinha uns 30 anos. Montei essa loja de artigos religiosos, foi até interessante... eu vendi uma casa que eu tinha no Jd. Paulista, peguei o dinheiro e fui em São Paulo comprar roupa pra revender. Cheguei lá, vi uma loja cheia de gente, movimentada, fui ver era de artigo religioso. Eu peguei e trouxe pra Ribeirão, comprei toda a mercadoria e montei uma lojinha. A primeira foi aqui nos Campos Elíseos, depois eu tava até com despejo marcado e parece que caiu do céu... chegou um rapaz e disse: eu e meu sócio brigamos na loja e eu sozinho não vou tocar, quero vender a loja pra você. Eu falei que não me interessava, ele disse que ia facilitar em 12 pagamentos. Eu disse que não tinha nem 200 pra pagar o despejo daqui! Aí ele falou, me da 500 e depois me dá 1000 por mês. Falei, não tem jeito. Aí um cunhado meu chegou e disse, compra! Eu te empresto. Peguei os 500 e comprei a loja, era a maior de Ribeirão e região. Depois eu coloquei atacado também. Esse cunhado entrou de sócio comigo, mas só de conversa, não tinha nada. Ele foi fazendo compras e mais compras no meu nome em São Paulo. Quando minha loja tava lotada até na tampa ele me deixou e foi embora pra Goiás. Me deixou com toda a dívida. Aí eu tive que chamar os credor e devolver mercadoria. Fui lá embaixo outra vez. Mas eu subi novamente, tive três lojas. Agora acabou, agora fico aqui até morrer.

E a fábrica de velas, de onde surgiu?

Eu tinha 23 funcionários, tinha até caminhão pra entregar. Entregava pra Minas e São Paulo. Foi onde a loja precisava muito de vela, a vela tava em dificuldade, eu comprava vela de tudo quanto é lugar, no fim eu peguei e montei uma fábrica. Ao invés de comprar, eu vendia. Tinha três lojas e a fábrica. Eu visitava os terreiros, fazia minha oferta, dava comissão pros terreiros e eles mandavam comprar da minha loja. Graças a Deus, eu fui bem inteligente.

Quando aconteceu o incêndio?

Tá com 15 anos. Meu empregado tava derretendo um tambor de 200kg, aí esquentou demais e o fogo ultrapassou. Mas era normal pegar fogo, a gente ia lá, tampava o tambor e jogava água. Mas ele foi e jogou dentro, aí o fogo tomou conta. Aquilo escorreu na rua, foi tudo pro córrego. Tinha 43 mil quilos de velas prontas. Um dia antes tinha chegado 60 mil caixas de papelão. Eu fazia todo tipo de vela, formatura, primeira comunhão, aniversário, palitinho, macumba em formato de sapo, de caveira... eram 100 tipos. Aprendi sozinho, bem dizer. Eu mesmo fazia as formas, fundia a parafina e enchia as forminhas. Quando tira da forma, tem que acertar as rebarbas e dá um banho de parafina quente. Aí eu montei a oficina de moto e vendia automóvel também, mas vendia na porta de casa. Comecei consertando bicicleta, eu fiz curso por correspondência e o resto fui aprendendo.

O senhor tinha religião?

Eu frequentava os terreiros e acaba assistindo. E eu tinha um carro só pra levar o pessoal na encruzilhada. No fundo da loja maior tinha um salão grande, eu doei pra um amigo que mexia com religião, ele montou o terreiro no fundo da loja. Mas eu assisti cada uma, viu. Um dia fomos fazer trabalho em um cemitério de Bonfim, perguntei se a gente ia ter que pular o muro, a madrinha de santo disse que ia mandar abrir o portão. Chegou lá, ela fez uma oração e o portão abriu.

Quando a fábrica pegou fogo o senhor vendeu as duas lojas?

Vendi duas pra abrir a fábrica de novo. Demorou quase um ano pra abrir de novo. A última loja ainda tem, mas eu vendi, cansei do ramo.

E como foi o seu acidente de bicicleta?

Eu fui no mercado, fechei a loja sete horas, oito horas eu fui no mercado, aí aconteceu isso. O mercado era quatro quarteirões de casa, guardei o carro e a moto e fui de bicicleta.

E a oficina depois do acidente?

Vendi, o filho não entendia nada disso, o ramo dele é outro.

O senhor sente falta de trabalhar?

Eu gostava demais, trabalhava 12 horas por dia. Nesses meios de tempo também tive lanchonete e bar. Lanchonete noturna, trabalhava a noite inteira. Fiquei por pouco tempo. Eu fechei porque não dava conta do movimento, minha família não me ajudava e eu não achava empregado suficiente. Era um salão muito grande. Trabalhava a noite inteira e sete horas da manhã tinha que abrir pra atender fornecedor. Deixava o pedido pendurado na campainha pra dormir até mais tarde. No fim não aguentei. Todo mundo tem vontade de voltar a trabalhar, eu até sonho que tô trabalhando. No computador eu acho muito amigo de infância, outro dia achei um amigo, mandei mensagem e ele veio aqui me visitar.

Como o senhor conheceu sua esposa?

Ela é a segunda. A primeira faleceu quando tinha 12 anos de casado. Essa de agora é quase parente. Tem um senhor que é casado com uma tia minha que é tio dela. Um dia ela falou que ia me levar pra conhecer o pai dela em um sítio. Falei, tá bom, vamos. Quando entrou na estradinha falei, eu tenho um amigo aí nessa fazenda, é tal pessoa. Aí ela disse, é meu pai! No meu quarto, em menos de seis meses morreram seis.

AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAR O PROJETO NA INSTITUIÇÃO



Ribeirão Preto, 23 de abril de 2018.

SOLICITAÇÃO

Através do presente instrumento, solicitamos do Presidente da Sociedade Espírita Cinco de Setembro Casa do Vovô, Sr. Wladimir Hiesinger Monteiro, autorização para realização da pesquisa integrante do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da acadêmica Alice de Carvalho leal, orientada pelo Prof. Rafael Martins dos Reis, tendo como título "Histórias do Vovô". A coleta de dados será feita através da aplicação de entrevistas com membros da entidade para produção de um livro-reportagem. A presente atividade é requisito para a conclusão do curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, mantida pela Associação de Ensino de Ribeirão Preto – AERP. As informações aqui prestadas não serão divulgadas sem a autorização final da Instituição campo de pesquisa.

Prof. Me. Rafael Martins dos Reis Orientador

Prof. Me. Geraldo José Santiago Coordenador

Sr. Wladimir Hiesinger Monteiro Presidente da Casa do Vovô

AUTORIZAÇÕES INDIVIDUAIS

.
Pelo presente instrumento, eu <u>Wilson Moacux, Vendaus co la</u>
abaixo firmado e identificado(a), autorizo
Alia de Carracho loral , estudante do Curso
de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar minha imagem e
também informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC -
Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título
"Historias de Varis"
_ e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a
Rafael martins de Reis
Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha
imagem, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda
qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CI
("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DA
("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão
aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Interne
independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material qu
venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número d
utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Le
9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).
Ribeirão Preto, <u>23</u> de <u>Marimbro</u> de 2018.
Assinatura:
RG: 4.231, 921 - 3
Responsável legal:

Pelo presente instrumento, eu Orazimbo Berreiro.
abaixo firmado e identificado(a), autorizo,
Alice de Carvalha beal , estudante do Curso
de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar minha imagem e
também informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC -
Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título:
"Austorian do Vouro"
 e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a)
Rafael Martins des Reis
Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha
imagem, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e
qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD
("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT
("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão
aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet,
independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que
venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de
utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei
9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).
Ribeirão Preto, 23 de <u>moumbro</u> de 2018.
Assinatura: Rg. 37. 604. 574 - 7
Pesnonsável legal:

Pelo presente instrumento, eu Mazia Teresa Tolico
abaixo firmado e identificado(a), autorizo,
Alire de Carraine logal , estudante do Curso
de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar minha imagem e
também informações, por mim prestadas, para elaboração de seu TCC -
Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título:
"Historian de Vois"
e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a)
Rafael mousins des Deis
,
Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha
imagem, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e
qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD
("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT
("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão
aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet,
independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que
venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de
utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei
9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).
Ribeirão Preto, <u>23</u> de <u>noumbro</u> de 2018.
RG: 36. 613. 738-4
Responsável legal:

Pelo presente instrumento, eu Adelphina loges Waialt.
abaixo firmado e identificado(a), autorizo,
Alue de Carrolho beal, estudante do Curso
de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar minha imagem e
também informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC -
Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título:
"furtarias do Vara"
e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a)
Rafael Martins do Reis.
Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha
imagem, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e
qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD
("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT
("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão
aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet,
independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que
venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de
utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Le
9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).
Ribeirão Preto, 23 de <u>Novembro</u> de 2018.
810000 of 10 50 0 0 50
Assinatura: Callphina Looph Dadalt
RG: 18.198.151
Responsável legal:

Leio bieseute iustramento, en Thorruga	w da Grace C. Marconi.
abaixo firmado e	identificado(a), autorizo,
Alice de Paualho beal	, estudante do Curso
de Jornalismo da Universidade de Ribeirã	io Preto, a utilizar minha imagem e
também informações por mim prestadas	s, para elaboração de seu TCC -
Traballa de O de e	rso, que tem como título:
"Historica de Voçã"	
_ e está sendo o	prientado pelo(a) Prof.(a)
Rafad mouting to Reis	, , ,
Esta autorização inclui o uso de todo o	material criado que contenha minha
imagem, da forma que melhor lhes apro	
qualquer forma de comunicação ao públic	
("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact	
("digital audio tape"), DVD ("digital video	
aberta, fechada e por assinatura, bem c	
independentemente do processo de transp	
venha a ser utilizado para tais fins, sem li	
utilizações/exibições, no Brasil e/ou no e	
9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).	
3.3 13/33 (23/ 33 2 // 34/ 34/ 34/ 34/ 34/ 34/ 34/ 34/ 34/	
Ribeirão Preto, <u>23</u> de <u>mo</u>	emb.a de 2018.
Mibeliae Freie, <u>u.j.</u> se <u>mie</u>	
1/10	
Assinatura:	
Assinatura.	
(' ()	
RG: 38.252.632-1	
Paenoneával lagal	
reennneaval lenal	

AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu <u>Canada e Francia Martania</u>
abaixo firmado e identificado(a), autorizo
rAlice de Cample Local , estudante do Curso
de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar minha imagem e
também informações; por mim prestadas, para elaboração de seu TCC -
Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título
"firstarias do Vario"
e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a)
Rafael martins des Reis
Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha
imagem, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e
qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD
("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT
("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão
aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet
independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que
venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de
utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Le
9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).
Ribeirão Preto, 23 de <u>noumbra</u> de 2018.
Assinatura: Gregoria & Marcasni.
RG: 6.78.875
Responsável legal:

i

Pelo presente instrumento, eu <u>Anglina da fulla</u> ,
abaixo firmado e identificado(a), autorizo,
Alue de Parrello Iseal, estudante do Curso
de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar minha imagem e
também informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC -
Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título:
"êvel es soixetait"
e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a)
Raful martins des Reus
Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha
imagem, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e
qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD
("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT
("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão
aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet,
independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que
venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de
utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei
9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).
Ribeirão Preto, 23 de moumbas de 2018.
Assinatura: Colins de Jilvos
RG: 30.874.715-X
Responsável legal:

Pelo presente instrumento, eu Danalto Pereiro Brook
abaixo firmado e identificado(a), autorizo,
Alice de Carrollo Joens, estudante do Curso
de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar minha imagem e
também informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC -
Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título:
"flistesias de Vois"
e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a)
Rafael Martins des Reis
Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha
imagem, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e
qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD
("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT
("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão
aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet
independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que
venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de
utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Le
9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).
Ribeirão Preto, <u>23</u> de <u>ma embra</u> de 2018.
OB.
Assinatura: Assinatura:
RG: 3003 183-7
Responsável legal:

Pelo presente instrumento, eu James feura da ferraca.
abaixo firmado e identificado(a), autorizo,
Alie de Carrolles beal , estudante do Curso
de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar minha imagem e
também informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC -
Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título:
"Historian do Vous"
 e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a)
Rafael Martino dos Reis
Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha
imagem, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e
qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD
("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT
("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão
aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet
independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que
venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de
utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Le
9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).
Ribeirão Preto, <u>23</u> de <u>Aprembas</u> de 2018.
Assinatura:
RG: 4350357
CPF: 000, 343. 678 - 90
Responsável legal:

Pelo presente instrumento, eu Getar Pereiro Barbara
abaixo firmado e identificado(a), autorizo
Alice de Carrollo beal, estudante do Curso
de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar minha imagem e
também informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC -
Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título
"fustarias de Vevê"
·
_ e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a
Rafael mastins do Reis
Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha
imagem, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda
qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CI
("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DA
("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisã
aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Interne
independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material qu
venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número d
utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lo
9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).
1
Ribeirão Preto, 23 de molembro de 2018.
HOA
Assinatura:
29:416886-2
CDE: 442 388 608 - 10
CDE: 440 200 600
Description legal:
Responsável legal:

Pelo presente	e instrumento, e	in Geni ka		300	
abaixo	firmado	е	identificad		autorizo,
	Carrello be				
	o da Universida				
também info	ormações por	mim prestac	las, para elab	oração de se	eu TCC –
Trabalho	de Conclusã	io de C	curso, que	tem com	o título:
"Historias	éareV es				
_ е	está	sendo	orientado	pelo(a)	Prof.(a)
Rafael ~	gartins des	Rew	_		
Esta autoriza	ação inclui o u	iso de todo	o material cria	ado que conte	nha minha
imagem, da	forma que m	elhor lhes a	prouverem, no	otadamente pa	ara toda e
qualquer for	ma de comunio	cação ao pú	blico, tais com	o material im	presso, CD
("compact di	isc"), CD ROM,	CD-I ("comp	act-disc" intera	ativo), "home v	video", DAT
("digital aud	io tape"), DVD	("digital vide	eo disc"), rádi	o, radiodifusã	o, televisão
aberta, fech	ada e por ass	sinatura, bem	como sua d	isseminação v	via Internet,
independent	emente do pro	cesso de tra	nsporte de sin	al e suporte r	naterial que
venha a ser	utilizado para	tais fins, ser	n limitação de	tempo ou do	número de
utilizações/e	xibições, no B	Brasil e/ou n	o exterior, co	onforme expre	sso na Lei
9.610/98 (Le	i de Direitos Au	torais).			
	Ribeirão Preto	, <u> </u>	edminar	de 2018.	
Assinatura:	(Jen	W		
-	RG: 37.469	8- 494			
	ì		to		
Responsáve	l legal:				_

Pelo presente instrumento, eu mario muio messias quamers,
abaixo firmado e identificado(a), autorizo,
chlice de Carrolle losol , estudante do Curso
de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar minha imagem e
também informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC -
Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título:
"ârd de voireteix"
e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a)
Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha
imagem, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e
qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD
("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT
("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão
aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet,
independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que
venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de
utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei
9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).
Ribeirão Preto, <u>23</u> de <u>revembro</u> de 2018.
Assinatura: 6,000 Gramoso
Responsável legal: Amis (umais

Pelo prese	nte instrumento, eu	Mariac	· Drus de	Olivera	·
abaixo	firmado	e	identifica	ado(a),	autorizo,
Alice de	Carulha beal	L		, estudante	do Curso
de Jornalis	mo da Universidad	e de Ribei	rão Preto, a i	utilizar minha	imagem e
também in	formações por m	im prestad	las, para elal	boração de s	eu TCC -
Trabalho	de Conclusão ා දුන Vavo ්		turso, que	tem com	no título:
Rafael M	está so Putimo dos Reis			pelo(a)	Prof.(a)
Esta autoria	zação inclui o uso	de todo d	material cria	ido que conte	nha minha
imagem, da	a forma que melh	or lhes ap	orouverem, no	tadamente pa	ara toda e
qualquer fo	rma de comunicaç	ão ao púb	lico, tais come	o material imp	oresso, CD
("compact o	lisc"), CD ROM, CI	D-I ("compa	act-disc" intera	tivo), "home v	ideo", DAT
("digital aud	lio tape"), DVD ("	digital vide	o disc"), rádio	o, radiodifusão	, televisão
aberta, fech	nada e por assina	tura, bem	como sua dis	sseminação v	ia Internet,
independent	temente do proces	so de trans	sporte de sina	al e suporte m	aterial que
enha a se	r utilizado para tais	fins, sem	limitação de	tempo ou do	número de
ıtilizações/e	xibições, no Bras	il e/ou no	exterior, con	nforme expres	so na Lei
).610/98 (Le	i de Direitos Autora	is).			
	1				
	Ribeirão Preto, <u>2</u>	<u>3</u> de _ ტ	sembra	de 2018.	
			OB: -		
\ssinatura: _	Marina Si Rg. 8.582.79	s ele	Minero		
	RG: 8,582,79	4 - D			
Responsável	legal:				

Pelo presente instrumento, eu Edgard Alus da Ailus.
abaixo firmado e identificado(a), autorizo,
Alice de Paralho Joseph, estudante do Curso
de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar minha imagem e
também informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC -
Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título:
"Historias do Vais"
e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a)
Rafael Martins des Reis
Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha
imagem, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e
qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD
("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT
("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão
aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet,
independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que
venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de
utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei
9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).
Ribeirão Preto, <u>23</u> de <u>moumbao</u> de 2018.
Assinatura:
RG: 72. 283. 464
i
Responsável legal: